UNIVERSIDADE DE RIBEIRÃO PRETO
JORNALISMO

HELENA CAROLLI RODRIGUES

ANÁLISE DISCURSIVA DA LINGUAGEM AUDIOVISUAL DO JORNAL NACIONAL

RIBEIRÃO PRETO
2021

HELENA CAROLLI RODRIGUES

ANÁLISE DISCURSIVA DA LINGUAGEM AUDIOVISUAL DO JORNAL NACIONAL

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade de Ribeirão Preto como requisito para a obtenção do título de bacharel em Jornalismo.

Orientador: Prof. Pós- Dr. João Flávio de Almeida

RIBEIRÃO PRETO
2021

Ficha catalográfica preparada pelo Centro de
Processamento Técnico da Biblioteca Central da UNAERP

- Universidade de Ribeirão Preto -

Rodrigues, Helena Carolli, 2000-
R696a Análise discursiva da linguagem audiovisual do Jornal Nacional / Helena Carolli Rodrigues. — Ribeirão Preto, 2021.
60 f.: il. color.

Orientador: Prof. Dr. João Flávio de Almeida.

Monografia (graduação) - Universidade de Ribeirão Preto, UNAERP, Jornalismo. Ribeirão Preto, 2021.

1. Jornal Nacional. 2. Credibilidade. 3. Análise de discurso. 4. Imaginário discursivo. I. Título.

CDD 070

AGRADECIMENTOS

Primeiramente à minha família, que sempre me apoiou e esteve do meu lado durante todos esses anos.

Ao meu orientador, pela confiança e auxílio até a conclusão deste trabalho, muito obrigada!

Ao meu namorado, pelo companheirismo.

Aos meus amigos, que sempre me incentivaram.

RESUMO

O Jornal Nacional é o mais antigo telejornal da TV Globo, com estreia em 1º de setembro de 1969, tendo conquistado grande credibilidade na sociedade brasileira. Vencedor do Emmy em 2011, o Jornal Nacional adequou sua linguagem audiovisual de acordo com a demanda dos telespectadores, tendo em vista o avanço das novas tecnologias da comunicação. Partindo dos pressupostos teóricos fornecidos pela Análise do Discurso Francesa (PÊCHEUX, 1969; ORLANDI, 2007), esta pesquisa visa analisar a memória e o imaginário discursivo dos telespectadores diante da credibilidade do telejornal. O imaginário discursivo consiste em formações imaginárias construídas pelos sujeitos a partir das projeções que as posições-sujeito ocupam no discurso e no espaço. Além disso, esta pesquisa utiliza também os conceitos de interdiscurso – onde os discursos se relacionam entre si, o que já foi dito –, e o de intradiscurso – a materialização/atualização do interdiscurso – para analisar a prática discursiva do Jornal Nacional. Na primeira etapa desta pesquisa, foi apresentada a construção do referencial teórico baseado na Análise de Discurso, que possui filiação teórica na Psicanálise, na Linguística e no Marxismo, tendo a linguagem como objeto de estudo. Desta etapa, pode-se concluir que as opiniões dos sujeitos são constituídas a partir do imaginário discursivo construído a partir de determinado discurso, que também é composto pela ideologia e pela cultura que onde o sujeito está inserido. Na segunda etapa, foi apresentada a história do Jornal Nacional, ressaltando os pontos importantes dos 52 anos de exibição. A terceira etapa consiste no *corpus* de análise, tendo a descrição de 31 episódios do Jornal Nacional, sendo um episódio por ano, no período entre 1990 e 2020, olhando, sobretudo, para os aspectos audiovisuais. Na quarta etapa, foi feita a análise sobre como os elementos utilizados no corpus de análise (enquadramento, cenário, apresentadores, entre outros) e as transformações audiovisuais que ocorreram nessas três décadas influenciam o imaginário discursivo, construído pelo Jornal Nacional, a respeito de sua credibilidade.

Palavras-chave: Jornal Nacional. Credibilidade. Análise de Discurso. Imaginário Discursivo.

ABSTRACT

The Jornal Nacional is TV Globo's oldest newscast, premiered on September 1, 1969, having gained great credibility in Brasilizan Society. Emmy winner in 2011, Jornal Nacional adapted its audiovisual language according to the demando f viewers, in view of the advancement of new communication technologies. Based on the theoretical assumptions provided by the French Discourse Analysis (PÊCHEUX, 1969; ORLANDI, 2007), this research aims to analyze the memory and discursive imaginary of viewers in view of the credibility of the newscast. The discursive imaginary consists of imaginary formations constructed by the subjetcs based on the projections that the subject-positions occupy in discourse and in space. In addition, this research also uses the concepts of interdiscourse – where the discourses are related to each other, as has already been said – , and the concept of intradiscourse – the materialization/updating of the interdiscourse – to analyze the discursive practice of Jornal Nacional. In the first stage of this research, the construction of the theoritical framework based on Discourse Analysis was presented, which has theoretical affiliation in Psychoanalysis, Linguistics and Marxism, with language as the objetc of study. From this stage, it can be concluded that the subjects opinions are constituted from the discursive imaginary built from a certain discourse, which is also composed by the ideology and culture in which the subject is inserted. In second stage, the history of Jornal Nacional was presented, highlighting the important points of its 52 years of exhibition. The third stage consists of the corpus of analysis, with a description of 31 episodes of Jornal Nacional, one episode per year, in the period between 1990 and 2020, looking, above all, at the audiovisual aspects. In the fourth stage, an analysis was carried out on how the elements used in the analysis corpus (framework, setting, presenters, among others) and the audiovisual transformations that took place in these three decades influence the discursive imaginary constructed by Jornal Nacional regarding its credibility.

Key words: Jornal Nacional. Credibility. Discourse Analysis. Discursive imaginary.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagem 1 – Jornal Nacional ano 1990 26
Imagem 2 – Jornal Nacional ano 1995 27
Imagem 3 – Jornal Nacional ano 2000 29
Imagem 4 – Jornal Nacional ano 2005 30
Imagem 5 – Jornal Nacional ano 2010 31
Imagem 6 – Jornal Nacional ano 2015 32
Imagem 7 – Jornal Nacional ano 2020 33

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Episódio 04/07/1990 25
Tabela 6 – Episódio 20/06/1995 26
Tabela 11 – Episódio 12/06/2000 28
Tabela 16 – Episódio 02/11/2005 29
Tabela 21 – Episódio 09/12/2010 30
Tabela 26 – Episódio 25/11/2015 31
Tabela 31 – Episódio 11/03/2020 32
Tabela 2 – Episódio 25/12/1991 43
Tabela 3 – Episódio 29/09/1992 43
Tabela 4 – Episódio 27/03/1993 44
Tabela 5 – Episódio 02/07/1994 45
Tabela 7 – Episódio 01/11/1996 46
Tabela 8 – Episódio 03/06/1997 47
Tabela 9 – Episódio 28/03/1998 47
Tabela 10 – Episódio 18/05/1999 48
Tabela 12 – Episódio 11/09/2001 49
Tabela 13 – Episódio 28/10/2002 50
Tabela 14 – Episódio 18/06/2003 50
Tabela 15 – Episódio 31/12/2004 51
Tabela 17 – Episódio 01/12/2006 52
Tabela 18 – Episódio 17/07/2007 53
Tabela 19 – Episódio 12/09/2008 53
Tabela 20 – Episódio 10/04/2009 54
Tabela 22 – Episódio 01/01/2011 55
Tabela 23 – Episódio 28/01/2012 55
Tabela 24 – Episódio 20/06/2013 56
Tabela 25 – Episódio 04/07/2014 57
Tabela 27 – Episódio 29/11/2016 57
Tabela 28 – Episódio 11/04/2017 58
Tabela 29 – Episódio 28/05/2018 58
Tabela 30 – Episódio 25/01/2019 59

LISTA DE ABREVIATURAS

JN Jornal Nacional

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 8

1. A CONSTRUÇÃO TEÓRICA DA ANÁLISE DE DISCURSO 11

1.2 O Imaginário Discursivo **..... 17**

2. A HISTÓRIA DO JORNAL NACIONAL 19

2.1 Produções especiais **..... 22**

3. *CORPUS* DE ANÁLISE: DESCRIÇÃO DOS EPISÓDIOS 25

4. ANÁLISE DOS EPISÓDIOS DO JORNAL NACIONAL 34

CONSIDERAÇÕES FINAIS 37

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 39

APÊNDICE 43

INTRODUÇÃO

A linguagem telejornalística tem se alterado e evoluído ao passar do tempo. Essa mudança se deve, possivelmente, pela chegada da internet e a facilidade com que as informações circulam. A linguagem telejornalística é composta por elementos verbais e não verbais que, juntos, constroem o noticiário e conversam com o público. A presente pesquisa se propõe a estudar a linguagem audiovisual do Jornal Nacional e, para basear os estudos, foi utilizada a Análise de Discurso (PÊCHEUX, 2008), principalmente a partir do conceito de imaginário discursivo.

O Jornal Nacional é um telejornal de horário nobre da Rede Globo, e o mais antigo programa da emissora em exibição, que, em 1º de setembro de 2021, comemorou 52 anos. Atualmente, o programa é apresentado pelos âncoras William Bonner, que está na bancada desde 1996, e Renata Vasconcellos, desde 2014.

Até mesmo uma visada superficial e rápida já permite ao espectador e ao analista entrever que a linguagem audiovisual do Jornal Nacional de hoje é muito diferente da praticada na década de 1990. Esta pesquisa visa descrever tais transformações para então analisar, a partir da Análise do Discurso (PÊCHEUX, 2008), os efeitos discursivos dessa reformulação no decorrer dos últimos trinta anos, partindo da hipótese de que tal remodelagem na linguagem teve por objetivo a manutenção de um determinado Imaginário Discursivo (PÊCHEUX, 2007) de credibilidade jornalística.

O Imaginário Discursivo é um dos principais conceitos advindos da teoria da Análise de Discurso, uma teoria semântica que se importa sobretudo em entender como o sentido é construído. Sentido este que está sempre em movimento, não é acabado, tem relação com o já-dito e o a-dizer. Na Análise de Discurso, são estudadas quais forças políticas e ideológicas fazem com que um signo signifique de uma determinada forma para um determinado sujeito, e o Imaginário Discursivo diz respeito a toda antecipação que os agentes do discurso realizam uns sobre os outros, condicionando (imaginariamente) a posição-sujeito de cada um dos envolvidos no discurso.

O imaginário condiciona a forma com que o sujeito lê e significa o enunciado. A credibilidade, questão discutida com base no Jornal Nacional, é entendida como uma ideia advinda justamente deste Imaginário Discursivo. Se o imaginário de credibilidade funciona em um discurso, o sujeito imagina e se predispõe a acreditar que todo o intradiscurso de um determinado enunciador é verdadeiro, e isso condiciona a forma com que o enunciado é produzido, circulado e consumido.

Diante disso, questiona-se como a transformação da linguagem telejornalística do Jornal Nacional alterou o imaginário discursivo a respeito da credibilidade do jornalismo? Partimos da hipótese de que a revolução digital impôs ao jornalismo televisivo mudanças na intenção de manter seu tradicional imaginário discursivo de credibilidade.

A própria produção do Jornal Nacional alterou os elementos verbais e não verbais conforme as tecnologias foram evoluindo e a implementação de um "link" com as redes sociais do que é reproduzido na televisão, que é o caso do "G1 em Um Minuto". Foi na metade dos anos 1990 que a Globo lançou seu primeiro site, no qual havia links de reportagens exibidas no Jornal Nacional. O portal Globo.com, que existe até hoje, foi criado no início dos anos 2000, e a primeira grande cobertura – que fez o site sair do ar – foi a do episódio dos atentados terroristas aos Estados Unidos, no ataque às Torres Gêmeas e ao prédio do Pentágono e o sequestro e derrubada de um avião na Pensilvânia.

"O termo 'internauta' nos acompanharia até os anos 2010, quando se percebeu que o telespectador, o consumidor, o usuário e o cidadão que navegavam na web são todos um só" (MENEZES E PIETROBELLI, 2019, p. 369). E foi a partir dessa época que a linguagem do Jornal Nacional teve sua mudança mais brusca, se aproximando mais do antigo internauta, sem a separação de identidade com o telespectador. Assim, o imaginário de credibilidade do Jornal Nacional se manteve em disputa, tanto com outras mídias quanto com outros canais.

O imaginário discursivo se constrói no interdiscurso, que é a ideia de que os discursos se relacionam entre si. Um discurso tem, em sua construção, outros discursos e, assim, os processos de sentidos são construídos e mudados historicamente, é aí que o imaginário se constrói. "O gesto de interpretação se faz entre a memória institucional (o arquivo) e os efeitos de memória (interdiscurso)" (ORLANDI, 2005, p. 48), é assim que o telespectador interpreta o que é falado no Jornal Nacional, buscando a memória institucional que se tem do telejornal nestes 52 anos de exibição e os efeitos de memória já estabilizados. Consequentemente, após essa interpretação e antes do processo de significação, o telespectador reaverá o imaginário, que é construído pela ideologia de forma automática e transparente, para que se possa finalizar a análise de um determinado tema discutido no programa.

A pesquisa é importante pois discutirá, com base no *corpus* do Jornal Nacional, como o imaginário criado pelo telejornal influencia o telespectador, a partir da ideologia, na percepção de credibilidade do Jornal Nacional, que se mantém líder nas pesquisas há mais de 50 anos. Além disso, a pesquisa servirá como base para uma reflexão dos

telespectadores a respeito do Jornal Nacional, refletindo também na forma como assistem televisão, tendo em vista como é feito o discurso.

Com base nisso, utilizando da Análise de Discurso, que é constituída pelo encontro de três grandes teorias – Psicanálise, Linguística e o Marxismo –, a pesquisa compôs um corpus de análise para estudar um episódio do Jornal Nacional por ano, a partir do ano de 1990 até o ano 2020, resultando em 31 episódios e aproximadamente 20 horas de vídeo. Para chegar aos objetivos de compreender o interdiscurso e o intradiscurso, analisar a memória discursiva e o imaginário discursivo do Jornal Nacional, visando compreender como o imaginário afeta a credibilidade do Jornal Nacional, a análise e descrição dos episódios se dará a partir dos elementos de enquadramento, movimento de câmera, posição da bancada, cenário, iluminação, vestimenta, apresentadores (imagem, voz e comportamento), linguagem falada, expressões e termos.

Para ser concluída e escrita, com base na leitura de livros e pesquisas bibliográficas, a pesquisa foi dividida, inicialmente, em quatro capítulos, se tratando da explicação da teoria da Análise de Discurso, a história do Jornal Nacional, as descrições dos episódios do telejornal, a análise destes episódios e as considerações finais.

1. A CONSTRUÇÃO TEÓRICA DA ANÁLISE DE DISCURSO

A Análise de Discurso tem como marco inicial a publicação de Michel Pêcheux em 1969 em Paris, do livro "Por uma análise automática do discurso" (1990), e chegou ao Brasil a partir de Eni Orlandi (2005). A teoria surgiu quando os pesquisadores se interessaram pela linguagem e pelo estudo dela muito além dos dois campos que já existiam: a Gramática e a Linguística; ela significa a passagem na linguística da fala para a linguística do texto, do discurso. A Análise de Discurso auxilia, ainda, na realização de leituras críticas por parte do analista. A partir daí, começa-se a analisar o discurso: como é constituído, quais os sentidos, como significam, entre diversos outros segmentos que a Análise de Discurso proporciona ao analista. "A Análise de Discurso concebe a linguagem como mediação necessária entre o homem e a realidade natural e social" (ORLANDI, 2005, p.15). Baseado neste princípio, é possível dizer que, para construir uma análise de um determinado discurso, seja ele verbal ou não verbal, é preciso saber a realidade que o sujeito (autor e receptor) está inserido, relacionando a linguagem à exterioridade.

> A Análise de Discurso reúne três regiões de conhecimento em suas articulações contraditórias: a. a teoria da sintaxe e da enunciação; b. a teoria da ideologia e c. a teoria do discurso que é a determinação história dos processos de significação (ORLANDI, ibid, p. 25).

A teoria tem filiação teórica em três principais ideias: a Psicanálise, que contribui no deslocamento do homem como autor para sujeito do discurso, onde a língua é estudada como um acontecimento. Na Análise de Discurso, é respondido o "como" o texto significa, considerando, como dito anteriormente, a sociedade em que o sujeito está inserido e a ideologia que afeta o inconsciente do mesmo, onde o real da história é afetado pelo simbólico e o sujeito não tem controle sobre o modo que isso acontece. A outra filiação teórica é na Linguística, que se constitui, de acordo com Orlandi (ibid), pela não-transparência da linguagem. Baseada nesta teoria, a Análise de Discurso busca explicar a relação linguagem-pensamento-mundo de cada discurso, consolidando o fato de que, nesta passagem entre os termos, há vários sentidos e segmentos que devem ser discutidos, sempre considerando a historicidade – ponto em que a Análise de Discurso questiona a Linguística. A terceira filiação teórica da Análise de Discurso é no Marxismo, trabalhando a noção de discurso e os sentidos que eles carregam.

O objeto de estudo da Análise de Discurso sempre será a linguagem e como ela se produz, em um contexto histórico-ideológico, na sociedade brasileira por meio da materialidade específica. A exterioridade reflete no discurso de maneira direta, por meio da historicidade, onde há a relação entre linguagem, discurso e ideologia.

Diante disso, é possível dizer que todos estão sujeitos à linguagem. Uma mensagem é transmitida do emissor ao receptor, onde o emissor se refere à alguma coisa da realidade em que ele está inserido e o receptor, inserido em outra, interpreta e significa de uma forma diferente do que aquela mensagem foi passada. Nem sempre as diferentes interpretações mudam os sentidos, eles apenas são significados de maneira diferente para cada pessoa, de acordo com a historicidade do assunto e da mensagem passada na realidade em que ela está inserida. O analista deve estar atento a todos estes detalhes, sem se abster do fato de que um sentido não se significa sozinho, ele está coberto e traz consigo diversos outros sentidos que foram interpretados e construídos em outros discursos, de diferentes realidades e contextos históricos, mas que se inserem no discurso que está sendo analisado de alguma maneira.

Basicamente, as etapas para analisar um discurso são: passagem do discurso para a formação discursiva; passagem da formação discursiva para a formação ideológica e o processo discursivo da formação ideológica.

O primeiro ponto a se pensar na Análise de Discurso é a constituição do *corpus*, que segue critérios teóricos. De acordo com Orlandi (ibid), decidir o que faz parte do corpus é decidir as propriedades discursivas, para assim conseguir mostrar como o discurso produz sentidos. Na construção do corpus, é importante definir também a pergunta que baseará a análise. Um discurso pode ser analisado várias vezes de diferentes pontos de vista, partindo de diferentes perguntas que cada analista visa responder e construir. “Todo discurso é parte de um processo discursivo mais amplo que recortamos e a forma do recorte determina o modo da análise e o dispositivo teórico da interpretação que construímos” (ORLANDI, ibid, p. 64).

Além do *corpus*, para ser construída, a Análise de Discurso depende de vários outros fatores. Um deles é o dispositivo de interpretação, que o analista utiliza para compreender os gestos de interpretação presentes no discurso. A análise pode ser definida como a compreensão de como um objeto produz sentidos e como eles são significados pelo receptor da mensagem. O dispositivo de interpretação, construído pela Análise de Discurso, deve colocar o dito em relação ao não dito. Este dispositivo que é usado pelo analista possui duas classificações: teórico, que se mantém inalterado durante a construção da análise e analítico, que é a junção da natureza dos materiais analisados, a questão definida pelo analista e as diferentes teorias dos distintos campos disciplinares. A partir destes dispositivos analíticos, o analista deve compreender a inteligibilidade, a interpretação e a compreensão.

> A inteligibilidade refere o sentido à língua: “ele disse isso” é inteligível. Basta se saber português para que esse enunciado seja inteligível; no entanto não é interpretável, pois não se sabe quem é ele e o que ele disse. A interpretação é o sentido pensando-se o co-texto (as outras frases do texto) e o contexto imediato. [...] Compreender é saber como um objeto simbólico (enunciado, texto, pintura, música etc) produz sentidos. É saber como as interpretações funcionam. (ORLANDI, ibid, p. 26)

Segundo Orlandi (ibid), o analista utiliza o dispositivo de interpretação procurando ouvir o que não foi dito, mas o que está no pensamento. Ele não procura o sentido verdadeiro, mas sim o real com base no que o sujeito está inserido. Tudo o que é dito é suscetível de tornar-se outro, de vários sentidos. Este dispositivo deve ser utilizado para descrever a relação do sujeito com a memória discursiva que ele possui. O analista deve sempre descrever o gesto de interpretação do sujeito, para depois analisar o gesto de interpretação do receptor. Na conclusão da Análise de Discurso, o analista deve trabalhar nos limites da interpretação, compreendendo como o discurso é textualizado.

A memória é um ponto importante a ser considerado na Análise de Discurso, pois é a partir dela que o receptor significa o discurso. Segundo Brandão (2004), essa memória supõe o enunciado na história, se diferindo da memória psicológica. A memória também é chamada de interdiscurso e pode ser classificado como o que é dito antes, em outra situação, independente daquela que está acontecendo em determinado discurso. De acordo com Courtine (1984 apud ORLANDI, 2005, p. 32), o interdiscurso seria o eixo vertical de um discurso, onde todos os dizeres já foram ditos anteriormente e o intradiscurso o eixo horizontal, aquilo que está sendo dito naquele momento[1]. O intradiscurso é determinado pela formação do interdiscurso. São esses dois níveis que geram os efeitos de memória, que se emerge a partir da formação discursiva. Pode-se dizer, também, que os sentidos são constituídos a partir da junção destes eixos, pois as palavras são significadas pela história e pela língua.

> É o interdiscurso que especifica, como diz M. Pechêux (1983), as condições nas quais um acontecimento histórico (elemento histórico descontínuo e exterior) é suscetível de vir a inscrever-se na continuidade interna, no espaço potencial de coerência próprio a uma memória. (ORLANDI, 2005, p. 33)

A memória discursiva é afetada, mesmo que indiretamente, pelos esquecimentos dos receptores. Orlandi (ibid) ressalta que, ao nascer, os discursos já estão em processo de construção e presentes em todos, a partir do momento em que as pessoas começam a

[1]Os conceitos de eixo horizontal e eixo vertical não foram explorados em profundidade. Foram citados apenas como complemento para se diferenciar o intradiscurso e o interdiscurso.

evoluir, crescer, amadurecer, elas adentram estes processos. Ou seja, os discursos nunca são originais. Há sim uma singularidade presente em cada um dos discursos, mas ela é realizada na materialidade, que constituem os sujeitos e sentidos. De acordo com Pêcheux (1975 apud ORLANDI, 2005, p. 34), há duas maneiras de distinguir os esquecimentos dos discursos.

> O esquecimento número dois, que é da ordem da enunciação: ao falarmos, o fazemos de uma maneira e não de outra, e, ao longo de nosso dizer, formam-se famílias parafrásticas que indicam que o dizer sempre podia ser outro. [...] É o chamado esquecimento enunciativo e que atesta que a sintaxe significa: o modo de dizer não é indiferente aos sentidos. O outro esquecimento é o esquecimento número um, também chamado esquecimento ideológico: ele é da instância do inconsciente e resulta do modo pelo qual somos afetados pela ideologia.

Os sentidos são determinados e significados pela maneira como nos inscrevemos na história, e não pelo que queremos. Isso é atribuído ao esquecimento número um, o ideológico.

O interdiscurso se assemelha com o intertexto, porém é distinguível ao se pensar que o interdiscurso é o saber discursivo, a memória que é afetada pelo esquecimento. Já o intertexto, é restringido à relação de um texto com outros, sem ser influenciado pela memória do sujeito e do receptor da mensagem.

Na Análise de Discurso, como citado anteriormente, a ideologia é também um ponto importante, pois ela é ressignificada pelo analista, considerando a linguagem e a história. É com o estudo da ideologia do sujeito/ autor que o analista poderá ter evidências que constituem os sentidos. Portanto, é correto dizer que o sentido é a relação do sujeito com a história e é nessa relação que as palavras são significadas. É correto afirmar que o sujeito é constituído pela ideologia e a mesma significa o mundo. “Não há discurso sem sujeito. E não há sujeito sem ideologia” (ORLANDI, ibid, p. 47). A ideologia é pensada, pelo analista, a partir da interpretação, que é feita com base na memória, pois ela se materializa na linguagem, estruturando o inconsciente. A memória discursiva pode ser dividida em dois aspectos.

> a. a memória institucionalizada (o arquivo), o trabalho social da interpretação onde se separa quem tem e quem não tem direito a ela; b. a memória constitutiva (o interdiscurso), o trabalho histórico da constituição do sentido (o dizível, o interpretável, o saber discursivo). (ORLANDI, ibid, p. 47 e 48).

Os sentidos e os sujeitos são constituídos em diferentes processos. Uma mesma palavra, de uma mesma língua, pode ter significados diferentes dependendo do contexto em que está inserida, da formação discursiva que ela compõe. O sentido é, raramente, em

um discurso, expresso em sua totalidade. Orlandi (ibid) ressalta que o sujeito de um discurso é sujeito à língua e à história, pois é afetado direta e indiretamente por elas. É correto se afirmar que os sujeitos são intercambiáveis, ou seja, quando um discurso é feito a partir de alguma posição. Um chefe cobra o funcionário sobre algum prazo, ele está dizendo aquilo na posição de chefe. Talvez nem seja um chefe falando, mas ao dizer ele ganha a posição de chefe.

Não há limites de extensão para se analisar um discurso. De acordo com Orlandi (ibid), um texto pode ter apenas uma letra e mesmo assim ser analisado. Isso ocorre porque a análise depende do contexto em que o texto está inserido, chamado de contexto imediato, que é o que dá início à interpretação. Com isso, conclui-se que um texto é objeto de interpretação. “Em um texto não encontramos apenas uma formação discursiva, pois ele pode ser atravessado por várias formações discursivas que nele se organizam em função de um dominante” (ORLANDI, ibid, p. 70).

O dito e o não-dito são elementos essenciais na Análise de Discurso. Ao longo de um discurso, são formados grupos parafrásticos relacionando estes elementos, que caminham juntos, pois em todo discurso, todo texto, toda fala, quando se diz algo, sempre há mais por trás, o que não é dito, o que fica pressuposto, intrínseco. Por isso, o não dito é sustentado pela formação discursiva e pela ideologia, que definem o que é que deveria ter sido exposto, mas não foi. De acordo com Orlandi (ibid), a Análise de Discurso é articulada pelas diferentes concepções da língua, diferentes naturezas de exterioridade e as diferentes concepções do não dito.

Orlandi (1989 apud ORLANDI 2005, p. 88) distingue diferentes modos de funcionamento do discurso. O primeiro é o discurso autoritário, onde o locutor se coloca como agente exclusivo e não cria relação com o interlocutor. Apenas o locutor fala e se expressa; o segundo é o discurso polêmico, no qual os interlocutores disputam os sentidos; o último seria o discurso lúdico, em que os interlocutores se expõem aos efeitos de sentido.

Outro elemento que constitui o discurso é a metáfora, no sentido de que uma mesma coisa pode ser dita de várias maneiras, mas sempre é advinda de um ponto em comum. Ou seja, um discurso pode produzir vários sentidos e gerar outros discursos, mas eles sempre serão derivados do primeiro. Na Análise de Discurso, a metáfora é considerada a transferência de significado das palavras, e não uma figura de linguagem, como na gramática. As noções que sustentam a análise são “efeitos materiais na história, deslizes, paráfrase, metáfora” (ORLANDI, ibid).

O processo de sentidos é compreendido por meio da formação discursiva determinada pelo sujeito. A formação discursiva é importante para compreender o que está sendo dito e o sentido do discurso. É ela que define o que pode e o que deve ser dito. A partir disso, ocorre a compreensão de dois pontos.

> A. O discurso se constitui em seus sentidos porque aquilo que o sujeito diz se inscreve em uma formação discursiva e não outra para ter um sentido e não outro. Por aí podemos perceber que as palavras não têm um sentido nelas mesmas, elas derivam seus sentidos das formações discursivas em que se inscrevem. As formações discursivas, por sua vez, representam no discurso as formações ideológicas. [...]
> B. É pela referência à formação discursiva que podemos compreender, no funcionamento do discursivo, diferentes sentidos. Palavras iguais podem significar diferentemente porque se inscrevem em formações discursivas diferentes. (ORLANDI, ibid, p. 43, 44 e 45)

A função-autor é uma função discursiva do sujeito que se estabelece ao lado das outras duas funções, classificadas por O. Ducrot (1984 apud ORLANDI, 2005, p.74) como locutor – que se representa como "eu" - e enunciador – que é a perspectiva construída por esse "eu". Segundo Foucault (1971 apud ORLANDI, 2005, p. 74), há discursos que não precisam de autores, como as receitas, contratos, entre outros. Eles precisam apenas de pessoas que os assinem. Ainda segundo o filósofo, a função-autor é a função que o sujeito assume como produtor do texto.

A partir disso, é correto dizer que o texto pode não ter um autor, mas a partir da função-autor, é atribuída ao sujeito a autoria do mesmo. É esse autor que define as características do discurso, o tornando coerente, original, relevante, entre outras. Como consequência da definição destas características, é possível identificar o sujeito e o imputar a produção do discurso. Entretanto, não é apenas falar, escrever ou representar para ser autor. O produtor do discurso deve saber representar e assumir o discurso como seu.

Há também, na discursividade da linguagem, os processos de paráfrase e polissemia. "Os processos parafrásticos são aqueles pelos quais em todo dizer há sempre algo que se mantém, isto é, o dizível, a memória" (ORLANDI, 2005, p.36). A paráfrase seria, então, o retorno dos dizeres. Já a polissemia, "o que temos é o deslocamento, ruptura de processos de significação. Ela joga com o equívoco" (ORLANDI, ibid, p.36), o diferente do discurso. Baseado nisso, entende-se que todo discurso é construído na relação entre o mesmo e o diferente, entre a paráfrase e a polissemia.

Diante dessa tensão entre os dois processos, os sentidos e os sujeitos sempre podem ser outros. A produtividade do sujeito tem como base a paráfrase, mantendo o

inconsciente sempre presente e retornando produzindo a variedade do mesmo. Já a criatividade é construída a partir da polissemia, rompendo os processos de produção.

1.2 O Imaginário Discursivo

O imaginário discursivo é decorrente das formações imaginárias, que podem ser compreendidas pelas projeções que os sujeitos possuem no discurso e como um espaço para a organização dos sentidos. Tendo como exemplo o objeto de estudo desta pesquisa, o Jornal Nacional: o âncora William Bonner fazer uma afirmação tem um peso diferente do que uma pessoa "comum" fazer essa mesma afirmação em redes sociais. Isso ocorre, pois, a identidade do sujeito é relativa ao que ele está dizendo e a posição que ele ocupa no discurso é importante para a construção de sentidos do mesmo. A partir do conceito de imaginário discursivo, pode-se dizer que todo discurso é construído a partir de condições preexistentes.

Essas formações imaginárias são formadas por três mecanismos: a relação de sentidos, que aponta para a relação entre os discursos. Por essa noção, é correto afirmar que todos os discursos possuem alguma relação entre si; a relação de forças, onde, como já foi citado, a fala de alguém tem maior valor dependendo da posição que essa pessoa ocupa na sociedade e o mecanismo de antecipação, que defende a ideia de que todo sujeito é capaz de se colocar no lugar do seu receptor, seria a prática da expressão "pensar antes de falar". Esse mecanismo pode auxiliar na argumentação, pois o sujeito antecipa como o receptor vai receber a mensagem. "Em toda língua há regras de projeção que permitem ao sujeito passar da situação (empírica) para a posição (discursiva). O que significa no discurso são essas posições" (ORLANDI, ibid, p. 40). Ou seja, não importa o que a pessoa diz, mas a posição que ela ocupa. Um outro exemplo seria a disseminação de *fake news*. Portais com uma boa credibilidade teriam mais facilidade para espalhar as notícias falsas pois a posição que eles ocupam ajudam nesta função. Caso a Folha de São Paulo manchete uma notícia falsa, a chance de as pessoas acreditarem apenas por estar na Folha é muito grande.

O imaginário discursivo faz parte do funcionamento da linguagem, partindo do princípio de como as relações sociais são inscritas e regidas na história, dependendo da sociedade em que o sujeito está inscrito. A partir dessa afirmação, é correto dizer que o sentido do discurso, baseado em sua linguagem, é determinado pelas posições ideológicas do imaginário do interlocutor. Um discurso político pode ser decodificado e interpretado de maneiras diferentes para pessoas com ideologia de esquerda e de direita. O imaginário e o real devem ser distinguidos pelo analista do discurso.

> O que temos, em termos de real do discurso, é a descontinuidade, a dispersão, a incompletude, a falta, o equívoco, a contradição, constitutivas tanto do sujeito como do sentido. De outro lado, a nível das representações, temos a unidade, a completude, a coerência, o claro e distinto, a não contradição, na instância do imaginário. (ORLANDI, ibid, p. 74).

A partir da construção do imaginário discursivo e das relações de sentidos, de forças e de antecipação, é possível perceber como o sujeito está inscrito na história e como ela rege sob ele, construindo uma formação social. Por exemplo, com a formação social, pode-se explorar, em uma empresa, a imagem que o proprietário tem do diretor executivo e vice-versa, a imagem que os funcionários possuem do diretor, a imagem que o diretor possui de toda a equipe, entre outras formações.

Portanto, para se construir uma Análise de Discurso é preciso estudar e entender vários conceitos, que a baseiam e dá forma. O analista deve sempre considerar a sociedade em que o sujeito – autor – está inserido, pois é essa sociedade, a formação ideológica-histórica que construirá o discurso e baseará os sentidos e significados que ele pode ter. Além disso, o discurso sofre também os efeitos dos processos de paráfrase, polissemia, metáfora, entre outros. O imaginário discursivo é da parte da significação e como ela ocorre a partir das formações imaginárias criadas. É importante ressaltar que todo discurso se remete a outro, todo discurso é feito a partir de condições e sentidos preexistentes. Existem discursos singulares, mas não totalmente originais.

2. A HISTÓRIA DO JORNAL NACIONAL

O Jornal Nacional (JN) é o telejornal de horário nobre da Rede Globo, idealizado por Roberto Marinho. Sua estreia foi em 1º de setembro de 1969, às 19h45, e foi criado por Armando Nogueira e Alice-Maia para concorrer com o Repórter Esso, da TV Tupi. Nas primeiras edições, apenas quem tinha televisão nas cidades de São Paulo (SP), Rio de Janeiro (RJ), Porto Alegre (RS) e Curitiba (PR) conseguia assistir o telejornal, que se tornou nacional apenas com a chegada do satélite. Atualmente, o telejornal é transmitido para cerca de 99,5% do Brasil, por 122 emissoras, sendo 117 afiliadas da Rede Globo. Com 312 edições por ano e cerca de 45 minutos a cada dia, o Jornal Nacional ocupa grande parte das cinco mil horas de telejornalismo da Rede Globo por ano. "Unir o Brasil por meio da televisão em rede" (MARINHO, 2019, p.11), era o sonho de Roberto Marinho. E ele se realizou, pois após 52 anos de exibição do jornal, o JN continua sendo o de maior credibilidade e audiência na rede aberta da televisão brasileira.

> A estreia do JN em rede, no dia 1º de setembro de 1969, foi comandada por editores e redatores. Eu, Alice-Maria e uma equipe de jornalistas fizemos um lento trabalho de formação profissional. Os apresentadores do telejornal foram preparados para memorizar as informações antes do teleprompter para não perder a ligação com o telespectador. O texto na televisão tem que ser na ordem direta e seletivo, com orações enxutas. Nossa preocupação era simplificar o máximo possível e adequar o texto à imagem para que não houvesse conflito. (NOGUEIRA, 2019, p. 36)

Quando o Jornal Nacional estreou, o Brasil estava em no período de Ditadura Militar – que durou de 1964 a 1985. Segundo Armando Nogueira (2019), o "boa noite", falado pelos apresentadores, sempre era acompanhado de alguma história inicialmente inofensiva para conseguir passar a mensagem ao público de que estavam debaixo de censura. Eram vários os métodos utilizados para conseguirem passar pelos fiscais da Ditadura.

Os primeiros apresentadores deste telejornal foram Cid Moreira, que permaneceu no cargo por 27 anos e Hilton Gomes, que deixou o Jornal Nacional em 1971, sendo substituído por Ronaldo Rosas, que ficou apenas um ano, e deu lugar à Sérgio Chapelin, ex-apresentador do Globo Repórter. De acordo com Chapelin (2019), o cenário no começo dos anos de 1970 era simples, com duas bancadas, duas cadeiras de madeira sem estofamento, sem camarim, maquiagem, entre outras coisas. O enquadramento desta época era fechado, o chamado plano americano. Foi também no começo dos anos 1970 que a televisão começou a ter cores, o que foi um grande desafio para os apresentadores conseguirem decidir qual a melhor cor e estilo de paletó para o Jornal Nacional.

> Depois de 27 anos de trabalho brilhante, Cid Moreira e Sérgio Chapelin cederam a bancada a William Bonner. A mudança fundiu o apresentador e o editor-chefe, mais uma evolução do nosso processo. Em 1996, Lilian Witte Fibe, a jornalista icônica da cobertura econômica, tornou-se a primeira mulher a dividir a bancada do Jornal Nacional como apresentadora permanente. (SCHRODER, 2019, p.18)

Como citou Schroder (ibid), diretor-geral da Globo desde 2012, a primeira apresentadora permanente do Jornal Nacional foi Lilian Witte Fibe. Porém, a primeira mulher a estar na bancada do telejornal foi Valéria Monteiro, no ano de 1992, por causa de um contratempo com um dos apresentadores. O atual âncora do Jornal Nacional é William Bonner, que ocupa o posto há 22 anos – apresentador desde 1996 e editor-chefe desde 1999. O recorde que um editor-chefe havia permanecido no cargo era de Fabbio Perez, que ficou cinco anos. Bonner assumiu a bancada em 1996, sendo acompanhado por Fátima Bernardes, a partir de 1998, por 14 anos, quando ela deixou o telejornal para ter seu próprio programa de entretenimento nas manhãs da TV Globo. Fátima foi substituída por Patrícia Poeta, que permaneceu na bancada até 2014 e, assim, a atual apresentadora Renata Vasconcellos assumiu o lugar ao lado do âncora.

Com os novos apresentadores, a linguagem do telejornal se aproximou da coloquial, deixando para trás as frases curtas, objetivas e robóticas. E essa mudança continua presente ao longo dos anos. “Uma diferença notável entre o JN de 2009 e o de 2019 é exatamente a postura de vigilância máxima diante da disseminação caudalosa de boatos a que estamos todos sujeitos” (BONNER, 2019, p.47). E não houve mudanças apenas na apuração das informações. Em 2015, foi apresentada a *steadycam* - uma câmera acoplada à um colete de algum cinegrafista. O equipamento fica grudado na pessoa e, quando ela anda, há um maior deslocamento de câmera, dando lugar à instabilidade e mais movimentação para a bancada do telejornal.

> Tente lembrar como era a conversa dos âncoras do JN com o apresentador ou apresentadora da previsão do tempo dez anos atrás. Como era o painel no qual os ancoras interagiam com repórteres que participavam ao vivo do JN? Esse painel simplesmente não existia. Repórteres e apresentadores do boletim meteorológico não interagiam com os âncoras do JN. Isso passou a acontecer em 2015, quando inauguramos um cenário concebido para proporcionar maior movimento ao jornal. (BONNER, ibid)

A partir dessas mudanças, é possível perceber que o jornalismo feito pelo Jornal Nacional está cada vez mais próximo do público. Em junho de 2021, foi lançado um novo projeto, no qual se exibia mensagens pessoais dos jornalistas envolvidos na produção do telejornal, visando humanizar a profissão e “entrar na casa” do público. Mesmo com todas essas mudanças, o JN não deixa o chamado “padrão Globo de qualidade”, que com a

junção de aprimoramento técnico e cuidado com o conteúdo, a excelência é alcançada. Para isso, o telejornal sempre aborda os assuntos prioritariamente urgentes. Na reunião de pauta, que é feita sempre pela manhã, são discutidas as notícias que irão ao ar naquela noite. Porém, caso ocorra algo mais importante ao longo do dia, alguma pauta vai ser reduzida ou produzida para outra edição.

De acordo com Bonner (2019), para a decisão destes assuntos mais importantes, são levados em conta critérios primários: abrangência, gravidade das implicações, caráter histórico, o peso do contexto e a importância do todo. Após, é preciso decidir como cada assunto será tratado com a ajuda dos critérios secundários: complexidade e tempo. Os produtores devem sempre estar dentro dos pilares que fazem o JN acontecer.

> É buscar entre todos os acontecimentos aqueles que de fato tenham relevância, é relatá-los com correção, isenção e agilidade, é analisá-los a partir de uma pluralidade de pontos de vista e, quando houver falhas, é ser transparente na maneira de se corrigir. (KAMEL, 2019, p.50)

Como se trata de um telejornal com notícias internacionais, é preciso considerar, também, a relevância dos assuntos que estão acontecendo no mundo. Para dar apoio aos produtores e apresentadores do Brasil, o Jornal Nacional possui correspondentes em Nova Iorque, Londres, Paris, Jerusalém, Pequim, Tóquio, Buenos Aires e Lisboa. Além de, para coberturas especiais como Copas do Mundo, tinham colaboradores em Joanesburgo, Berlim e Moscou.

Em 2001, foi criado o chamado *kit correspondente*. Segundo Barros e Mariño (2019), o equipamento próprio é composto por uma câmera portátil e um laptop equipado com softwares de edição e compressão de imagens, para que os correspondentes internacionais tenham maior facilidade em captar, editar e transmitir o material via satélite ou pela internet.

Um dos quadros importantes e presente diariamente no Jornal Nacional é a Previsão do Tempo. Nas duas primeiras décadas do telejornal, a previsão era apresentada pelos chamados homens do tempo, os próprios apresentadores do jornal, e tinha apenas 30 segundos. Nesta época, os mapas eram desenhados à mão em um papelão e eram gravados antes, com aplicações de ícones de sol ou chuva, dependendo de cada dia. Em datas especiais, um meteorologista do Instituto Nacional de Meteorologia era quem descrevia a previsão. O quadro passou a ser apresentado por Sandra Annenberg em 8 de julho de 1991 com uma nova tecnologia: o painel *chroma-key*. Segundo Coutinho (2019),

esse painel foi o responsável pela apresentadora adotar o corte de cabelo curto, para que não interferisse nas projeções do mapa.

Foi apenas em 2012 que o quadro passou a ter um minuto e 20 segundos, apresentado por Flávia Freire, que também ganhou um novo cenário. A partir de 2015 até atualmente, a Previsão do Tempo é feita em dois minutos e trinta segundos, podendo chegar a três minutos em casos de eventuais catástrofes. Além do aumento no tempo, o cenário teve nova mudança. Maju Coutinho era a apresentadora titular e interagia com os telespectadores e os apresentadores de um estúdio em São Paulo, enquanto William Bonner e Renata Vasconcellos estavam no Rio de Janeiro. Apesar desta distância, que ocorre até hoje, o cenário dá a impressão de que os apresentadores estão no mesmo local, além de todas as tecnologias incorporadas.

2.1 Produções especiais

Cada episódio do Jornal Nacional é construído, em sua grande parte, por notícias e acontecimentos chamados factuais, que são os que aconteceram durante o dia ou no dia anterior. De acordo com Alberico de Souza Cruz (2019), diretor da Central Globo de Jornalismo de 1990 a 1995, o telejornal passou a dar mais atenção aos factuais no ano de 1990, quando também foram criadas as editorias que dariam atenção especial para cada tema específico, pois antes as notícias eram centralizadas no Centro de Produção de Notícias (CPN). Com a definição das editorias, foi possível também dar mais atenção às coberturas especiais, que são um destaque do telejornalismo global.

Entre as coberturas especiais mais famosas, estão: a entrevista exclusiva com Robert Gallo, um dos descobridores do vírus da Aids, em 1980; imagens do resgate dos sobreviventes do naufrágio *Bateau Mouche,* no Rio de Janeiro; o escândalo da Previdência no Brasil, em 1991, com os desdobramentos da prisão de Jorgina de Freitas, principal acusada, em 1997; a entrada no Carandiru de Caco Barcellos, após o massacre em 1992; a reportagem que mostrou o feirão de drogas do Complexo do Alemão, em 2001, feita pelos repórteres Tim Lopes e Tyndaro Menezes e, no ano seguinte, em mais uma reportagem sobre o tráfico, Tim Lopes foi morto; cobertura dos atentados de 11 de setembro de 2001 às Torres Gêmeas; os furos do Mensalão em 2005; a ocupação do Complexo do Alemão em 2010; a cobertura da Lava Jato em 2014; os acidentes da TAM em 1996 e 2007; o incêndio na Boate Kiss em 2013; dos protestos no Brasil também em 2013, quando a edição do jornal em 20 de junho durou uma hora e 20 minutos; o acidente do time da Chapecoense, em 2016; o apagão em 18 estados em 2009; além de diversas coberturas internacionais e de eventos como a Copa do Mundo e as Olimpíadas.

Com todas essas coberturas especiais, que necessitam de muita preparação, dedicação e estudo por todos da equipe, sem contar com aquelas que acontecem por factuais, como o incêndio da Boate Kiss, o Jornal Nacional foi indicado ao Emmy diversas vezes, sendo consagrado vencedor em 26 de setembro de 2011, com a reportagem especial da cobertura da ocupação do Complexo do Alemão, feita em 25 de novembro de 2010.

Além das produções especiais, há também as séries produzidas pelo Jornal Nacional. Em 2006, foi feita a Caravana JN, chamada de Desejos do Brasil. Maria Thereza Pinheiro e Teresa Cavalleiro foram as diretoras de programas e projetos especiais responsáveis pela caravana. Neste projeto, um ônibus saiu do Rio Grande do Sul e fez paradas estratégicas nas cinco regiões do país, de onde o telejornal seria transmitido ao vivo. Além disso, teriam também matérias diárias, cada uma em uma cidade, feitas por Pedro Bial. A Caravana JN, que foi indicado ao Emmy, contou com uma equipe de doze profissionais para a viagem de mais de 15 mil quilômetros. Além do ônibus, foi preciso também um barco para chegar às cidades que o único acesso era pela água.

Após o desafio por terras, em 2010, foi feito o JN no ar. Um projeto que explorou carências e histórias de 26 cidades do Brasil e o Distrito Federal. O desafio da vez era chegar até as cidades sorteadas que, na maioria delas, não tinha um aeroporto para o Falcon 2000. Para superar essa dificuldade, foi necessário adquirir um outro avião, de pequeno porte e ainda contar com um carro para chegar a alguns destinos. Quem embarcou nesta aventura foi o repórter Ernesto Plagia, juntamente com a equipe. As cidades eram sorteadas diariamente no Jornal Nacional, começando por Macapá, no Amapá. O projeto "JN no ar" durou 35 dias, com 27 decolagens e pousos e 55 horas de voos pelo Brasil.

Em 4 de março de 2018, o Jornal Nacional deu início a mais um projeto especial. O Brasil que eu quero teve a fusão de televisão e internet. Os telespectadores faziam o quadro acontecer mandando vídeos de 15 segundos, gravados pelo celular, falando a cidade onde mora e respondendo à pergunta: que Brasil você quer para o futuro?. Todos os 5.570 municípios teriam voz durante a programação dos sete telejornais da TV Globo. De acordo com Pinheiro e Cavalleiro (2019), entre os 60 mil vídeos que chegaram, o maior apelo era por educação. Foram nove meses e 5.543 brasileiros que deram voz, em rede nacional, aos desejos da população.

Um projeto especial que acontece a cada quatro anos desde 2002 são as entrevistas e debates ao vivo com candidatos à presidência do Brasil. As entrevistas são feitas com uma pessoa por vez. "E que se tornaria um dos momentos mais importantes dessa e das

eleições seguintes, foi a entrevista dos candidatos na bancada do Jornal Nacional, ao vivo, cara a cara com os âncoras." (PINHEIRO, CAVALLEIRO, p. 127, 2019). Nos debates finais, apenas com os dois candidatos que chegam ao segundo turno, eleitores indecisos são convidados e podem fazer perguntas a eles.

Cerca de 150 pessoas estão envolvidas na captação, operação e controle do Jornal Nacional, além de diversas outras pessoas na produção e edição do telejornal. É a partir disso, seguindo todos os critérios necessários, que o Jornal Nacional acontece e se mantém líder nas pesquisas.

3. *CORPUS* DE ANÁLISE: DESCRIÇÃO DOS EPISÓDIOS

Neste capítulo, será constituído o *corpus* de análise do Jornal Nacional. Para isso, utilizaremos os seguintes critérios: enquadramento, movimento de câmera, posição da bancada, cenário, iluminação, vestimenta, como são as pessoas, voz, comportamento, linguagem falada, expressões e termos inacessíveis.

Serão analisados 31 episódios do telejornal. Por isso, abaixo terão apenas as tabelas de descrição de 5 em 5 anos, as demais estão no Apêndice 1.

TABELA 1 – Episódio 04/07/1990

(continua)

Elementos Analisados	Descrição
Enquadramento	Câmera fechada no apresentador. Não aparece todo o cenário. Há um enquadramento aberto na passagem de blocos.
Movimento de câmera	Cortes secos, apenas uma câmera focada no apresentador. Se o enquadramento abre, o corte é seco e os dois apresentadores ficam enquadrados.
Posição da bancada	Posicionada no centro, arredondada, em formato de U, quase não aparece no telejornal.
Cenário	Era utilizada uma tapadeira como moldura. A tela de fundo com a logo do JN e, durante as cabeças e pés das reportagens, uma imagem que representa aquilo que vai ser falado. Apresentadores usam papéis com as retrancas. Durante todo o telejornal, há apenas a bancada, não tem interações com outras telas.
Iluminação	Luz branca, direto nos apresentadores. Fundo escuro, tem a impressão de que tem um holofote direto no rosto do apresentador.
Vestimenta	Ternos, traje social.
Como são as pessoas	Dois homens, brancos, aparentam ser de classe média alta, imponentes.
Voz	Grave, firme.
Comportamento	Sério, jornalista duro, sem aproximação com o telespectador. Apenas reporta a notícia.

(continuação)

Linguagem falada	Seca, com expressões típicas do jornalismo e direta. Frases faladas pausadamente.
Expressões	Pouco utilizadas popularmente. Palavras muito formais, sem aproximação com o popular.
Termos inacessíveis	Não tem.

Fonte: Produzida pela autora

IMAGEM 1 – Jornal Nacional ano 1990

TABELA 6 – Episódio 20/06/1995

(continua)

Elementos Analisados	Descrição
Enquadramento	Ainda fechado durante as cabeças das notícias, mas em raros momentos há um plano médio, focado no apresentador.
Movimento de câmera	Há maior movimento, apresentador usa mais de uma câmera durante as cabeças com mais frequência. Os cortes são secos.
Posição da bancada	Centralizada, em formato curvado. Quase não aparece durante o telejornal.

(continuação)

Cenário	Não houve mudanças. Apenas o fundo quando está focado no apresentador aparenta ser de um azul mais escuro
Iluminação	Neutra, sem luz direta no apresentador.
Vestimenta	Os dois apresentadores de terno, gravata e camisa social.
Como são as pessoas	Dois homens de meia idade, sérios, imponentes.
Voz	Grave, séria, forte.
Comportamento	Jornalistas ainda robotizados, sem aproximação com o telespectador.
Linguagem falada	Ainda há frases curtas e objetivas, mas começando a se aproximar do coloquial.
Expressões	Começa uma maior aproximação com o popular.
Termos inacessíveis	Não tem.

Fonte: Produzida pela autora

IMAGEM 2 – Jornal Nacional ano 1995

TABELA 21 – Episódio 12/06/2000

Elementos Analisados	Descrição
Enquadramento	Fechado no apresentador, o globo terrestre aparece atrás em alguns momentos. Quando os dois apresentadores estão na imagem, o enquadramento abre e o cenário aparece mais.
Movimento de câmera	Cortes secos nas mudanças de câmeras. Cada apresentador troca de câmera durante as notícias, dando maior movimento para o telejornal. Há também movimento de câmera na abertura e no encerramento, quando o cenário é filmado.
Posição da bancada	Posicionada no centro, com design curvado para o lado de dentro, dos apresentadores. O lado que seria do telespectador, é reto.
Cenário	Há uma mudança brusca de cenário, os apresentadores estão em um piso superior, com a redação ao fundo, embaixo. Atrás dos apresentadores tem um globo terrestre e logos do Jornal Nacional. O mapa da previsão do tempo ainda é projeto em *croma-key*.
Iluminação	Uniformizada, sem algo muito focado no rosto dos apresentadores.
Vestimenta	Traje social, homem com terno e camisa social e mulheres também com terno, aberto e fechado.
Como são as pessoas	Os três apresentadores brancos, imponentes, sérios.
Voz	Do homem, voz grave e firme. Das mulheres, voz imponente, mas mais suave.
Comportamento	Sérios, sem muita aproximação com o telespectador, apenas falando o texto combinado.
Linguagem falada	Frases objetivas, curtas, com maior coloquialidade.
Expressões	Maior adequação ao popular, informal, mas sem deixar a linguagem jornalística.
Termos inacessíveis	Não tem.

Fonte: Produzida pela autora

IMAGEM 3 – Jornal Nacional ano 2000

TABELA 36 – Episódio 02/11/2005

Elementos Analisados	Descrição
Enquadramento	Plano médio na maioria do telejornal, com uma abertura maior em alguns momentos.
Movimento de câmera	Cortes ainda secos, com maior movimentação nas passagens de blocos.
Posição da bancada	Centralizada, em formato oval.
Cenário	Redação ao fundo durante enquadramento aberto. Quando o plano está mais fechado, logos do JN ou imagens que ilustram o assunto tratado.
Iluminação	Luz bem distribuída por todo o estúdio.
Vestimenta	Trajes sociais de todos os apresentadores.
Como são as pessoas	São brancos, sérios, imponentes.
Voz	Dos homens, voz grave e imponente. Das mulheres, voz suave e séria.
Comportamento	Apresentadores menos robotizados, conversando mais com o público.
Linguagem falada	Linguagem direta e objetiva, com aproximação de termos coloquiais.
Expressões	Aproximação com o popular, linguagem jornalística muito presente.
Termos inacessíveis	Não tem.

Fonte: Produzida pela autora

IMAGEM 4: Jornal Nacional ano 2005

TABELA 21 – Episódio 09/12/2010

Elementos Analisados	Descrição
Enquadramento	Revezamento de plano médio e aberto durante o telejornal.
Movimento de câmera	Cortes ainda secos.
Posição da bancada	Centralizada, em formato oval.
Cenário	Redação ao fundo durante plano aberto e imagens que ilustram os assuntos tratados. No tempo, há também uma espécie de telão com os dados.
Iluminação	Um pouco escuro durante o tempo. No restante do telejornal, iluminação bem distribuída.
Vestimenta	Terno e gravata para os homens e vestido para a mulher.
Como são as pessoas	Todos brancos, imponentes, sérios.
Voz	Dos homens, séria e grave. Da mulher, imponente e mais suavizada.
Comportamento	Jornalistas sérios, apenas a apresentadora do tempo, Flavia Freire, com maior linguagem corporal.
Linguagem falada	Frases de jornalismo televisivo presentes.
Expressões	Maior aproximação com o coloquial.
Termos inacessíveis	Não tem.

Fonte: Produzida pela autora

IMAGEM 5 – Jornal Nacional ano 2010

TABELA 26 – Episódio 25/11/2015

(continua)

Elementos Analisados	Descrição
Enquadramento	Plano médio com apresentadores mais centralizados. Em alguns momentos, há o plano mais aberto.
Movimento de câmera	Maior movimento de câmera, com cortes menos secos.
Posição da bancada	Centralizada, em formato retangular com a base mais curvada.
Cenário	Cenário mais tecnológico e interativo, com mudanças no fundo na logo do JN e na estrutura como um todo. As imagens que ilustram os assuntos noticiados são exibidas no telão ao fundo, durante enquadramento aberto. Na previsão do tempo, o cenário também é mais interativo.
Iluminação	Bem distribuída por todo o estúdio.
Vestimenta	Traje social para todos os apresentadores.
Como são as pessoas	Brancas, sérias, aparentam ser de classe média alta.
Voz	Do homem, grave, forte. Das mulheres, mais suave, séria.

(continuação)

Comportamento	Maior interação entre os apresentadores, que não ficam apenas sentados nas bancadas. Há momentos em que caminhão pelo estúdio.
Linguagem falada	Maior aproximação com o popular, com frases mais longas, mas objetivas.
Expressões	Mais coloquiais, sem deixar a linguagem jornalística.
Termos inacessíveis	Não tem.

Fonte: Produzida pela autora

IMAGEM 6 – Jornal Nacional ano 2015

TABELA 31 – Episódio 11/03/2020

(continua)

Elementos Analisados	Descrição
Enquadramento	Mesmo quando fechado no(a) apresentador (a), o plano é médio, com o logo do JN atrás e o cenário da redação. Quando enquadra os dois apresentadores, o plano não é tão robótico.
Movimento de câmera	Suave, no começo e no final gira em torno dos apresentadores, puxando a chamada. Quando muda de apresentador, o corte não é tão seco e o apresentador não fica só em uma câmera.
Posição da bancada	Centralizada. Bancada mais tecnológica, mais interativa.

(continuação)

Cenário	A redação como fundo. A imagem de fundo na cabeça da matéria é interativa, não é algo fixo. Há interações com outras telas, que o próprio apresentador levanta da bancada e vai mexer e mostrar, com gráficos, números, etc.
Iluminação	Clara, unânime, não fica focada apenas no apresentador. Bem natural.
Vestimenta	Terno e traje social, leve, sem vestimentas pesadas.
Como são as pessoas	Um homem e uma mulher, brancos, sérios.
Voz	Voz do homem grave. Da mulher, imponente.
Comportamento	Apresentadores sérios, mas não robóticos. Conta a história de maneira natural.
Linguagem falada	Continua formal, mas mais aproximada com o telespectador, com o popular. Frases levadas como uma conversa.
Expressões	Mais populares, não usam gírias, mas conseguem se aproximar mais do público.
Termos inacessíveis	Não tem.

Fonte: Produzida pela autora

IMAGEM 7 – Jornal Nacional ano 2020

4. ANÁLISE DISCURSIVO-IMAGÉTICA DO JORNAL NACIONAL

Diante do *corpus* de análise construído acima, é possível analisar que o Jornal Nacional teve diversas mudanças na linguagem verbal e não verbal ao longo dos anos, as quais foram importantes para manter o imaginário discursivo dos telespectadores a respeito da credibilidade do telejornal.

No que diz respeito ao enquadramento, as mudanças parecem pequenas, mas possibilitaram uma maior leitura do telejornal por parte dos telespectadores, pois com um enquadramento mais aberto, outros elementos ganham mais destaques e aparições no telejornal. Apesar disso, com o enquadramento aberto, a ideia de impessoalidade fica mais explícita, também dando mais abertura à ideia de que a informação não depende apenas do âncora, mas de toda a equipe. Com o enquadramento fechado, a percepção é de maior presença na casa dos telespectadores. O movimento de câmera teve uma mudança brusca quando foi agregada a *steady cam*, dando uma impressão de caminhada da câmera, com menos cortes secos e mais harmonia durante o Jornal Nacional, o que auxilia, também, no imaginário dos telespectadores em se sentir parte da produção.

Em todos os anos analisados, a posição da bancada se manteve centralizada, mudando apenas o design em algumas ocasiões, se tornando mais tecnológica e não tendo muita credibilidade no imaginário construído. O cenário foi a categoria que mais teve mudanças, com a chegada e a implantação das tecnologias, todo o cenário foi se atualizando para mais tecnológico. Quando o estúdio foi construído em um segundo andar, dando a visão ao telespectador de toda a redação e produção do Jornal Nacional, teve também uma maior aproximação com o público, pois este pode se sentir parte da construção do telejornal, de saber como tudo é feito, assim como em quadros especiais já citados anteriormente, que viajaram o Brasil e tiveram participação da população.

A iluminação foi melhorada com o tempo, mas não é algo que possa interferir diretamente no imaginário de credibilidade. Com uma iluminação mais uniforme, menos de estúdio, menos focada no apresentador, a produção fica menos formal, também com maior aproximação com os telespectadores. A vestimenta, assim como a posição da bancada, não teve muitas mudanças no estilo, apenas nas cores que são utilizadas, que atualmente são mais vivas, mais coloridas, isso se deve, também, à evolução das tecnologias e captação das cores pelas câmeras.

O perfil das pessoas começou a mudar em 1996, quando uma mulher assumiu a bancada ao lado de um homem. Ambos, sérios, aparentando ser de classe média alta. Com o passar dos anos, apresentadores negros também apresentaram o JN, seja na bancada,

em correspondência, na previsão do tempo ou outro quadro. Essa mudança no perfil impactou muito na credibilidade do telejornal, tendo essa diversidade na apresentação e nos jornalistas. A voz de todos os apresentadores se manteve firme, séria e imponente, noticiando as informações de forma que os telespectadores acreditem mais na veracidade da notícia. O comportamento dos apresentadores também é um ponto importante que auxilia no imaginário discursivo dos telespectadores, com o passar dos anos, nos episódios analisados, os apresentadores deixaram de ser robóticos, apenas noticiando o assunto e passaram a conversar mais com o público, explicando o que estava acontecendo de forma mais coloquial, o que também impactou na linguagem falada e nas expressões utilizadas pelos apresentadores. Em nenhum episódio, no entanto, foi identificado algum termo inacessível utilizado.

Em dados obtidos a partir do Kantar Ibope Media, desde 2015, sobre a audiência do horário nobre da televisão aberta brasileira, mostra que o Jornal Nacional lidera os números em todos os anos, todos os dias que o telejornal é exibido, ficando atrás apenas de novelas exibidas pela TV Globo. Uma média dos dados de semanas próximas de cada ano, mostra que o JN não fica abaixo de 7 na classificação: de 14/09/2015 a 20/09/2015 a média de pontos do JN foi 7070,84, contra 3491,47 do Jornal da Record, o mais próximo do telejornal global; de 12/09/2016 a 28/09/2016 a média de pontos do JN foi 9330,58, contra 2605,1 do Jornal da Record; de 18/09/2017 a 24/09/2017, a média de pontos do Jornal Nacional foi 9738,71, contra 2279,59 do Jornal da Record; na semana de 17/09/2018 a 23/09/2018, a média de pontos do telejornal global foi de 8880,03, contra 2575,31 do Jornal da Record; de 16/09/2019 a 22/09/2019, a média do Jornal Nacional foi de 9717, sendo que o Jornal da Record ficou com 1756,25 e de 14/09/2020 a 20/09/2020, a média do JN foi de 9823,96, contra 200,84 da Rede TV News.

Como dito antes, a credibilidade do Jornal Nacional é entendida como consequência do imaginário discursivo construído pelo telejornal, tendo influência do interdiscurso e da antecipação. Os dados do Kantar Ibope Media mostram que, ao longo dos anos e com as mudanças que aconteceram, o Jornal Nacional continua mantendo a credibilidade na visão do público, se mantendo líder na audiência do horário nobre da televisão aberta brasileira. Durante a pandemia da Covid-19, com muitas notícias falsas circulando pelas redes sociais, os principais meios de comunicação se uniram para consolidar as informações verdadeiras e passar para o público. O JN foi um importante canal de notícias onde a veracidade e o detalhamento das informações eram o foco, para que os telespectadores pudessem saber o que realmente estava acontecendo, os números

corretos da doença e demais assuntos, dada a posição-sujeito do telejornal, o que auxiliou, também, a manter a credibilidade.

Diante de todas as mudanças e dos dados analisados, é possível afirmar que as transformações feitas foram essenciais para manter o imaginário discursivo dos telespectadores a respeito da credibilidade do Jornal Nacional, pois, se não tivessem acontecido, o Jornal pararia no tempo, sem evolução tecnológica e de linguagem, não acompanhando a sociedade e, por isso, deixaria de ser assistido pelos telespectadores. Durante a pandemia, houve mudanças na produção do telejornal devido à necessidade de isolamento e distanciamento social, mas que não alterou na qualidade do mesmo, pelo contrário, como dito anteriormente, foi visto como uma fonte de veracidade e informações concretas diante da grande circulação de notícias falsas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em seus 52 anos de exibição, o Jornal Nacional realizou inúmeras mudanças na estrutura, cenário, linguagem, apresentadores, entre outros fatores. As mudanças aconteceram para que o JN pudesse acompanhar a evolução da sociedade e manter a credibilidade que possui desde os primeiros anos. A presente pesquisa utilizou a Análise de Discurso (PÊCHEUX, 2008), partindo da hipótese de que as mudanças no jornalismo televisivo foram impostas pela revolução digital, para que o tradicional imaginário discursivo de credibilidade fosse mantido, para responder à questão de como essa transformação na linguagem telejornalística no Jornal Nacional alterou o imaginário discursivo na credibilidade do mesmo.

Da Análise de Discurso utilizamos, principalmente, o conceito de imaginário discursivo, que consiste em formações imaginárias, compreendidas pelas funções que os sujeitos possuem no discurso. Qual é a posição do Jornal Nacional no discurso? A mesma informação noticiada por diferentes veículos e programas são imaginadas com distintas imagens de credibilidade. O imaginário discursivo construído pelo Jornal Nacional ao longo de todos esses anos influencia na recepção, na aceitação e na própria significação na/da notícia. O conceito de imaginário discursivo permite dizer, também, que todo discurso é construído a partir de condições preexistentes, então todas as mudanças feitas pelo JN na linguagem telejornalística influenciam no imaginário e na memória discursiva dos telespectadores, pois a imagem visual tem grande importância na construção deste imaginário.

A pesquisa é importante pois apresenta, a partir do *corpus* de análise construído, as categorias que estruturam o Jornal Nacional e foram transformadas ao longo dos anos, para auxiliar na construção do imaginário discursivo dos telespectadores. Com essa análise, foi possível identificar quais os elementos que mais impactaram nas mudanças feitas pelo Jornal Nacional nestes 30 anos. Diante disso, é possível dizer que os elementos verbais são os que mais impactam, principalmente quando há uma mudança brusca de cenário. Isso ocorre pois é mais fácil de perceber a transformação visual do que a falada. Os apresentadores vão deixando de ter a linguagem falada robotizada aos poucos, passando a conversar mais com os telespectadores e isso é inserido com mais calma do que uma mudança brusca de cenário para algo mais tecnológico. Os números apresentados do Kantar Ibope Media indicam que o JN manteve seu patamar, ficando muito à frente do segundo programa de notícias nos últimos anos.

Com esses resultados, é possível afirmar que as transformações feitas pelo Jornal Nacional ao longo dos anos foram imprescindíveis para que a credibilidade do telejornal continuasse alta, pois, como dito anteriormente, se o JN não mostrasse aos telespectadores que as novas tecnologias estavam sendo inseridas no telejornal, com painéis interativos, maior demonstração de linguagem corporal por parte dos apresentadores e maior aproximação com o telespectador com a linguagem coloquial, as pessoas iriam migrar para outros noticiários que estariam acompanhando a evolução da sociedade.

A partir das análises feitas, é possível afirmar que o problema proposto inicialmente foi analisado e minimamente clarificado, mostrando que as transformações da linguagem telejornalística do Jornal Nacional foram necessárias para manter o imaginário discursivo a respeito da credibilidade do jornalismo, podendo ressaltar, também, que essas mudanças foram impostas pela revolução digital e pela chegada de novas tecnologias, assim como os objetivos atingidos. A limitação encontrada pela pesquisa foi em ter acesso aos dados do Kantar Ibope Media, que disponibiliza em seu site apenas os dados de audiência do horário nobre da televisão brasileira a partir de 2015, sendo que os dados de anos anteriores são disponibilizados apenas para empresas clientes. Com isso, não foi possível analisar os impactos das mudanças do Jornal Nacional de outros anos.

Um futuro desenvolvimento da pesquisa poderia abordar como a integração entre internet e televisão ajudou o Jornal Nacional a manter toda a audiência, pois nos últimos anos houve uma migração das pessoas para redes sociais e acesso às notícias de forma mais rápida pela internet. Discutir como o Jornal Nacional se impôs diante dessa migração e como faz para noticiar os principais assuntos, que já foram vistos nos portais durante todo o dia.

Referências Bibliográficas

AMORIN, C. Pedro Henrique. **G1 em 1 Minuto – Mudanças na linguagem do telejornalismo e suas aproximações com a internet**. Intercom, 2018. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/sudeste2018/resumos/R63-0151-1.pdf>. Acesso em: 17 de outubro de 2020.

BRANDÃO, Helena H Nagamine. **Introdução a Análise do Discurso**. 2. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2004. 122 p.

GLOBO e RBSTV/RS – Jornal Nacional 4 blocos incompleto + intervalos '27/09/1993. [S.l], 2021. 1 vídeo (33 min). Publicado pelo canal Canal Fiel VHS. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=x1nnFkm9FFA. Acesso em: 12 de setembro de 2021.

INTERVALOS+jornal nacional+início penúltimo capítulo américa /2.11.2005. [S.l], 2019. 1 vídeo (35 min). Publicado pelo canal dudulipe vhs. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=RGLW2TwXNZ0. Acesso em: 12 de setembro de 2021.

JORNAL Nacional – Rede Globo (04/07/1990). [S.l], 2012. 1 vídeo (34 min). Publicado pelo canal diler2006 TV 1. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=D37r5U4bU7A. Acesso em: 12 de setembro de 2021.

JORNAL Nacional – 25/12/1991. [S.l], 2021. 1 vídeo (38 min). Publicado pelo canal Pedro Janov e seu Arquivo de Vídeos. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=8Ms98XrGNdo. Acesso em: 12 de setembro de 2021.

JORNAL Nacional, 29 de setembro de 1992. [S.l], 2013. 1 vídeo (32 min). Publicado pelo canal P. Silva. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=K6MdSQkrJbI. Acesso em: 12 de setembro de 2021.

JORNAL Nacional 02-07-1994. [S.l], 2020. 1 vídeo (44 min). Publicado pelo canal José Leonel de Souza Cordeiro. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=sG4oinjnW0E. Acesso em: 12 de setembro de 2021.

JORNAL Nacional – 20/06/1995. [S.l], 2021. 1 vídeo (37 min). Publicado pelo canal Pedro Janov e seu Arquivo de Vídeos. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=FJn4plC9nZ8. Acesso em: 12 de setembro de 2021.

JORNAL Nacional (01-11-1996). [S.l], 2018. 1 vídeo (56 min). Publicado pelo canal Talisha Garth. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=YP82K4_A27k. Acesso em: 12 de setembro de 2021.

JORNAL Nacional – Rede Globo (03/06/1997). [S.l], 2012. 1 vídeo (33 min). Publicado pelo canal diler2006 TV 1. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=NmYOsayRxzU. Acesso em: 12 de setembro de 2021.

JORNAL Nacional (Globo 28/03/1998). [S.l], 2018. 1 vídeo (29 min). Publicado pelo canal Dalmo Pereira. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=NmYOsayRxzU. Acesso em: 12 de setembro de 2021.

JORNAL Nacional: a morte de Dias Gomes – 18/05/1999. [S.l], 2021. 1 vídeo (18 min). Publicado pelo canal Pedro Janov e seu Arquivo de Vídeos. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=hi7ecsFRXxs. Acesso em: 12 de setembro de 2021.

JORNAL Nacional | Sequestro do ônibus 174 – 12/06/2000. [S.l], 2019. 1 vídeo (48 min). Publicado pelo canal Arquivão. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=DVgeOGiC5Xo. Acesso em: 12 de setembro de 2021.

JORNAL Nacional – Edição histórica integral de 11/09/2001. [S.l], 2020. 1 vídeo (65 min). Publicado pelo canal Marcos Alexandre Caiafa. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=nZG98nCTJBs. Acesso em: 12 de setembro de 2021.

JORNAL Nacional – 28/10/2002. [S.l], 2020. 1 vídeo (70 min). Publicado pelo canal Jornal Velho. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=2QB2uumeSgQ. Acesso em: 12 de setembro de 2021.

JORNAL Nacional – Rede Globo (18/06/2003). [S.l], 2019. 1 vídeo (24 min). Publicado pelo canal Franklin Alexandre. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=zLJy4YPaAMg. Acesso em: 12 de setembro de 2021.

JORNAL Nacional – 31/12/2004 (Globo). [S.l], 2018. 1 vídeo (25 min). Publicado pelo canal Arquivo Marckezini. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=oGxDl0S_3KU. Acesso em: 12 de setembro de 2021.

JORNAL Nacional – 01/02/2006. [S.l], 2021. 1 vídeo (31 min). Publicado pelo canal Pedro Janov e seu Arquivo de Vídeos. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=ULd3GwD9MuQ. Acesso em: 13 de setembro de 2021.

JORNAL Nacional Especial (17/07/2007): Queda do avião da TAM. [S.l], 2021. 1 vídeo (24 min). Publicado pelo canal Relíquias do Youtube. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=MAW6BZyqqSc. Acesso em: 13 de setembro de 2021.

JORNAL Nacional (12/09/2008). [S.l], 2019. 1 vídeo (28 min). Publicado pelo canal Antônio Gonçalves. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=kjDEveBSnso. Acesso em: 13 de setembro de 2021.

JORNAL Nacional – 10/04/2009. [S.l], 2021. 1 vídeo (41 min). Publicado pelo canal Pedro Janov e seu Arquivo de Vídeos. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=0_hubXIFkXg. Acesso em: 13 de setembro de 2021.

JORNAL Nacional – Globo (12/2010). [S.l], 2019. 1 vídeo (41 min). Publicado pelo canal Pedro Janov e seu Arquivo de Vídeos. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=0_hubXIFkXg. Acesso em: 14 de setembro de 2021.

JORNAL Nacional - Posse de Dilma Rousseff (01/01/2011). [S.l], 2016. 1 vídeo (24 min). Publicado pelo canal Registro pessoal. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=ApFaOhOp4bY. Acesso em: 14 de setembro de 2021.

JORNAL Nacional - (COMPLETO 28/01/2012) – Sábado. [S.l], 2012. 1 vídeo (32 min). Publicado pelo canal CameradaRecord. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=PZm2ERRIcws. Acesso em: 14 de setembro de 2021.

JORNAL Nacional 04 07 2014. [S.l.], 2017. 1 vídeo (49 min). Publicado pelo canal Alexandre. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=6z6kbQ49ZMk. Acesso em: 15 de setembro de 2021.

JORNAL Nacional – 25 11 2015 – Completo – Prisão Delcídio do Amaral. [S.l.], 2016. 1 vídeo (34 min). Publicado pelo canal Wellington Junior. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=6wnWlw9Ucjg. Acesso em: 15 de setembro de 2021.

JN 29 11 2016. [S.l.], 2016. 1 vídeo (86 min). Publicado pelo canal Angelo Rodrigues – Clipping. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=aBflpHh9Cqs. Acesso em: 20 de setembro de 2021.

MEMÓRIA GLOBO (Rio de Janeiro) (org.). **Jornal Nacional**: 50 anos de jornalismo. Rio de Janeiro: Globo Livros, 2019. 457 p.

ORLANDI, Eni P. **Análise de Discurso**: princípios e procedimentos. 5 ed. Campinas: Pontes, 2005. 100 p.

PÊCHEUX, Michel. **O discurso**: estrutura ou acontecimento. 5. ed. Campinas: Pontes Editores, 2008. 68 p.

POSSAS, M. Ana Carolina; LOPES, Mariana; FRANCISCO, R. Michele. **O Telejornal e sua Linguagem**: uma análise do Bom Dia Brasil. Intercom, 2007. Disponível em: < http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sudeste2007/resumos/R0067-1.pdf>. Acesso em: 16 de outubro de 2020.

PROGRAMA de 11/04/2017. [S.l.], 2017. 1 vídeo (58 min). Disponível em: https://globoplay.globo.com/v/5794644/programa/. Acesso em: 22 de setembro de 2021.

PROGRAMA de 28/05/2018. [S.l.], 2018. 1 vídeo (60 min). Disponível em: https://globoplay.globo.com/v/6769118/programa/. Acesso em: 22 de setembro de 2021.

PROGRAMA de 25/01/2019. [S.l.], 2019. 1 vídeo (50 min). Disponível em: https://globoplay.globo.com/v/7330310/programa/. Acesso em: 25 de setembro de 2021.

PROGRAMA 11/03/2020. [S.l.], 2020. 1 vídeo (35 min). Disponível em: https://globoplay.globo.com/v/8392308/programa/. Acesso em: 27 de setembro de 2021.

SD Integra do Jornal Nacional Especial – Manifestações 2013 20/06/2013. [S.l.], 2020. 1 vídeo (80 min). Publicado pelo canal Globosat News. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=kwzyaiE1aos. Acesso em: 15 de setembro de 2021.

APÊNDICE

TABELA 2 – Episódio 25/12/1991

Elementos Analisados	Descrição
Enquadramento	Fechado do apresentador, abre apenas durante a passagem de blocos.
Movimento de câmera	Cortes secos, apresentadores utilizam apenas uma câmera durante as cabeças das notícias. Há um maior movimento durante a passagem de blocos.
Posição da bancada	Centralizada, mais arredondada, quase não aparece.
Cenário	Logos do JN distribuídas, em '3D'. Há conexão com o repórter em Moscou, na Rússia, o cenário muda nesse momento, colocando duas telas como se estivessem na televisão. Há objetos que representam os temas apresentados no cenário durante a cabeça da notícia.
Iluminação	Luz branca, direto no apresentador. Tem momentos que ela 'estoura' no rosto do apresentador.
Vestimenta	Terno quadrado, camisa social e gravata.
Como são as pessoas	Dois homens, brancos, mais velhos, aparentam ser de classe média alta.
Voz	Grave, imponente, firme.
Comportamento	Apresentadores sérios, robóticos, sem aproximação com o telespectador. Fala apenas o necessário para reportar a notícia.
Linguagem falada	Frases diretas, objetivas, faladas pausadamente. Típicas do jornalismo de televisão.
Expressões	Palavras muito formais, não há expressões populares.
Termos inacessíveis	Não tem.

Fonte: Produzida pela autora

TABELA 3 – Episódio 29/09/1992

(continua)

Elementos Analisados	Descrição
Enquadramento	Fechado no apresentador, há um plano médio em algumas cenas.

(continuação)

Movimento de câmera	Cortes muito secos, apresentadores ainda utilizam apenas uma câmera quando estão falando.
Posição da bancada	Centralizada, não aparece durante o programa.
Cenário	Mais escuro, com logos do JN durante a escalada e algumas falas dos apresentadores. Há artes que ilustram os assuntos que aparecem durante as cabeças. Há também conexão com correspondente em São Paulo, onde muda o cenário.
Iluminação	Luz direta nos apresentadores, mas mais escura e menos estourada.
Vestimenta	Ternos quadrados, camisa social e gravata.
Como são as pessoas	Brancos, sérios, imponentes.
Voz	Grossa, grave, firme.
Comportamento	Imponente, jornalistas sérios. Sem aproximação com o telespectador.
Linguagem falada	Frases objetivas e claras. Palavras pouco usadas popularmente.
Expressões	Típicas do jornalismo.
Termos inacessíveis	Não tem.

Fonte: Produzida pela autora

TABELA 4 – Episódio 27/03/1993

(continua)

Elementos Analisados	**Descrição**
Enquadramento	Plano fechado, com apresentador centralizado na câmera. Há um enquadramento mais aberto nas passagens de bloco e no encerramento.
Movimento de câmera	Seco, sem movimento algum durante as falas dos apresentadores, apenas nas passagens de bloco, quando o enquadramento abre.
Posição da bancada	Centralizada, curvada. Pouco aparece durante o telejornal.
Cenário	Cenário não teve mudanças. Ainda há os logos do JN distribuídas e as artes durante as cabeças.

(continuação)

Iluminação	Mais clara, menos estourada nos apresentadores.
Vestimenta	Homem de terno quadrado, camisa social e gravata. Mulher também com terno e blusa social.
Como são as pessoas	Os dois apresentadores são brancos, aparentam ser de classe média alta.
Voz	Do homem, grave e imponente. Da mulher, séria e suave.
Comportamento	Apresentadores sérios, robóticos, ainda sem aproximação com o telespectador.
Linguagem falada	Frases claras e objetivas, linguagem mais jornalística ainda muito presente.
Expressões	Sem aproximação com o popular.
Termos inacessíveis	Não tem.

Fonte: Produzida pela autora

TABELA 5 – Episódio 02/07/1994

Elementos Analisados	**Descrição**
Enquadramento	Ainda fechado, com o apresentador mais centralizado na câmera. O enquadramento aberto continua durante as passagens de blocos.
Movimento de câmera	Movimento mais suave durante as passagens de blocos.
Posição da bancada	Centralizada, curvada em U.
Cenário	Não houve mudanças.
Iluminação	Mais clara, sem estar direta nos apresentadores.
Vestimenta	Os dois apresentadores de terno quadrado, camisa social e gravata.
Como são as pessoas	Dois homens brancos, de meia idade, aparentando ser de classe média alta.
Voz	Imponente, grave.
Comportamento	Jornalistas sérios, sem muito movimento de corpo, apenas reportando a notícia.
Linguagem falada	Falando apenas o necessário em frases curtas e diretas.
Expressões	Típicas do jornalismo, sem aproximação com o popular.
Termos inacessíveis	Não tem.

Fonte: Produzida pela autora

TABELA 7 – Episódio 01/11/1996

Elementos Analisados	Descrição
Enquadramento	Fechado no apresentador, aparecendo apenas parte do logo "JN" atrás. Durante a transição de notícias e passagens de blocos, o enquadramento é aberto.
Movimento de câmera	Há maior movimento de câmera, mas os cortes continuam secos na mudança de câmeras. O apresentador foca apenas em um ponto.
Posição da bancada	Posicionada no centro, ainda em formato de J. Aparece apenas quando o enquadramento abre.
Cenário	Na tela de fundo há quatro logos do JN, sendo a do centro um pouco maior que as outras duas. Há também uma logo, grande, no teto. Sempre que um apresentador está falando, alguma parte ou a logo inteira aparece. Durante a previsão do tempo, o mapa encoberto de nuvens é projetado em *croma-key*. No esporte, apenas o fundo com uma bola de futebol.
Iluminação	Iluminação melhor distribuída, mas com luz branca bem focada nos apresentadores.
Vestimenta	Traje social, homens com terno e mulher com casaco social, todo fechado.
Como são as pessoas	Os três apresentadores brancos, com postura séria, imponentes
Voz	Dos homens, firme, grave. Da mulher também firma, mas suave.
Comportamento	Sérios. Com maior aproximação com o telespectador, mas ainda reportando a notícia de forma rápida.
Linguagem falada	Frases mais coloquiais, diretas e linguagem jornalística forte.
Expressões	Maior aproximação com o popular, também se adequando à forma de conversa com o telespectador.
Termos inacessíveis	Não tem.

Fonte: Produzida pela autora

TABELA 8 – Episódio 03/06/1997

Elementos Analisados	Descrição
Enquadramento	Quadro mais aberto, não chega a ser um plano médio. Há abertura quando os dois apresentadores aparecem.
Movimento de câmera	Maior movimento de câmera, os apresentadores utilizam mais de uma durante as cabeças.
Posição da bancada	Centralizada, curvada e aparece pouco durante o telejornal.
Cenário	Com logos do JN distribuídas, ainda com artes que ilustram os assuntos falados. Na previsão do tempo, o mapa é colorido, projetado em um fundo verde.
Iluminação	Neutra, ainda focada nos apresentadores, mas sem estourar.
Vestimenta	Homens e mulheres de trajes sociais, com ternos e camisas ou blusas sociais.
Como são as pessoas	Brancas, aparentam ser mais novos, de classe média alta, sérios.
Voz	Dos homens, séria, firme, grave. Das mulheres, suave, mas imponente.
Comportamento	Com maior aproximação com o público, os apresentadores possuem um comportamento menos robótico.
Linguagem falada	Frases aproximadas do coloquial, a linguagem jornalística ainda é muito presente.
Expressões	Maior conversa com o telespectador, mas ainda rara.
Termos inacessíveis	Não tem.

Fonte: Produzida pela autora

TABELA 9 – Episódio 28/03/1998

(continua)

Elementos Analisados	Descrição
Enquadramento	Apresentadores centralizados, com um plano ainda fechado, mas com maior aparição do cenário.
Movimento de câmera	Maior movimentação na abertura e encerramento e também nas passagens de bloco.
Posição da bancada	Centralizada, ainda não aparece durante o telejornal.

(continuação)

Cenário	Não tem mudanças. Continua com o fundo verde para a sobreposição de artes e do mapa.
Iluminação	Clara, melhor distribuída.
Vestimenta	Traje social, seja terno ou casaco.
Como são as pessoas	Brancas, com posturas sérias.
Voz	Firmes e imponentes, de todos os apresentadores.
Comportamento	Maior aproximação com o público. A simpatia é melhor trabalhada.
Linguagem falada	Com frases diretas e objetivas, com maior aproximação com o popular.
Expressões	Aproximam-se do coloquial, mas mantendo uma certa distância para com o telespectador.
Termos inacessíveis	Não tem.

Fonte: Produzida pela autora

TABELA 10 – Episódio 18/05/1999

(continua)

Elementos Analisados	**Descrição**
Enquadramento	Com plano mais fechado se comparado ao ano anterior. Quando os dois apresentadores aparecem, o plano é aberto.
Movimento de câmera	Presente durante as passagens de blocos. Durante as falas dos apresentadores os cortes estão deixando de ser muito secos.
Posição da bancada	Centralizada, aparenta estar em um suporte, ficando acima do nível do chão. Ainda arredondada.
Cenário	Mudança no design da bancada. Logos do JN distribuídas pelo fundo.
Iluminação	Clara, sem estourar nos apresentadores.
Vestimenta	Homem de terno, gravata e camisa social. Mulher apenas com uma blusa, também social.
Como são as pessoas	Brancas, sérias, de idade mediana.
Voz	Do homem, imponente e forte. Da mulher, também impõe respeito, mas é mais suave.

(continuação)

Comportamento	Maior aproximação com o público e mostra mais sentimento ao anunciar a morte do dramaturgo Dias Gomes.
Linguagem falada	Mais coloquial, sem deixar a linguagem jornalística.
Expressões	Maior aproximação com o popular.
Termos inacessíveis	Não tem.

Fonte: Produzida pela autora

TABELA 42 – Episódio 11/09/2001

Elementos Analisados	Descrição
Enquadramento	Enquadramento mais aberto, com a bancada também fazendo parte do plano.
Movimento de câmera	Mais suave em alguns momentos. Cortes secos ainda presentes.
Posição da bancada	Centralizada, com design curvado.
Cenário	Apresentadores em piso superior, com a redação ao fundo. Ainda há a presença de artes projetadas atrás dos apresentadores para ilustrar o assunto do momento.
Iluminação	Melhor distribuída, estúdio muito claro.
Vestimenta	Social. Homem com terno, gravata e camisa social. Mulheres de blusa e casaco social.
Como são as pessoas	Brancas, mais simpáticas, mas ainda sérias.
Voz	Do homem, imponente, grave. Das mulheres, suave e séria.
Comportamento	Maior aproximação e conversa com os telespectadores. Apresentadores aparentam estar mais íntimos com o cenário.
Linguagem falada	Maior aproximação com o coloquial, frases ainda diretas e objetivas.
Expressões	Expressões popularmente conhecidas, com linguagem jornalística ainda presente.
Termos inacessíveis	Não tem.

Fonte: Produzida pela autora

TABELA 13 – Episódio 28/10/2002

Elementos Analisados	Descrição
Enquadramento	No Rio de Janeiro, estúdio padrão do JN, onde está Fátima Bernardes, o enquadramento é mais fechado. No estúdio de São Paulo, onde está William Bonner entrevistando o presidente Luiz Inácio Lula da Silva, o enquadramento é aberto.
Movimento de câmera	Cortes ainda secos, apresentadora utiliza duas câmeras. No estúdio de São Paulo, o movimento é mais suave.
Posição da bancada	No Rio de Janeiro, a bancada padrão, curvada. Em São Paulo, a bancada é uma mesa, para que possa ocorrer a entrevista.
Cenário	No Rio de Janeiro, cenário padrão, com artes ainda ilustrando os assuntos. Em São Paulo, toda a redação é enquadrada e também há logos do JN em determinados momentos.
Iluminação	Nos dois estúdios, clara, sem luz direta nos apresentadores.
Vestimenta	Traje social para todos os apresentadores.
Como são as pessoas	Brancas, sérias, aparência de serem de classe média alta.
Voz	Dos homens, graves e imponentes, mesmo na entrevista com o presidente. Das mulheres, suave e séria.
Comportamento	William Bonner mais solto durante a entrevista. O apresentador Márcio Gomes fala sobre os resultados da eleição em pé, indicando um jornalismo diferente na Globo.
Linguagem falada	Mais aproximada com o popular, sem deixar as frases diretas do jornalismo televisivo
Expressões	Expressões mais coloquiais.
Termos inacessíveis	Não tem.

Fonte: Produzida pela autora

TABELA 54 – Episódio 18/06/2003

(continua)

Elementos Analisados	Descrição

(continuação)

Enquadramento	Mais fechado, com plano aberto quando os dois apresentadores aparecem.
Movimento de câmera	Cortes ainda secos, apresentadores utilizam de mais de uma câmera durante o telejornal.
Posição da bancada	Curvada, em formato mais oval, centralizada.
Cenário	Logo do JN ao fundo durante as falas dos apresentadores, logo mais real, com menos impressão do 3D.
Iluminação	Estúdio bem claro, iluminação uniforme.
Vestimenta	Ternos com gravatas e camisas sociais para os homens e casaco social para a mulher.
Como são as pessoas	Brancas, imponentes e sérias.
Voz	Dos homens, graves, menos imponentes que do William Bonner. Da mulher, suave e séria.
Comportamento	Apresentadores menos robotizados, linguagem corporal conversando mais com o público.
Linguagem falada	Frases curtas e objetivas, com grande aproximação com o coloquial.
Expressões	Expressões mais populares, sem deixar a linguagem jornalística.
Termos inacessíveis	Não tem.

Fonte: Produzida pela autora

TABELA 65 – Episódio 31/12/2004

(continua)

Elementos Analisados	**Descrição**
Enquadramento	Plano médio e aberto durante todo o telejornal.
Movimento de câmera	Apresentadores utilizam mais de uma câmera durante o telejornal, com cortes ainda secos.
Posição da bancada	Curvada, em formato oval. Centralizada.
Cenário	A redação como cenário no plano aberto. Quando o apresentador reporta a notícia, há imagens para ilustrar o assunto.
Iluminação	Clara e bem distribuída por todo o estúdio.

(continuação)

Vestimenta	Trajes sociais para todos os apresentadores.
Como são as pessoas	Um dos apresentadores é negro, o outro branco e a apresentadora do tempo também branca. Todos aparentam integrar a classe média alta.
Voz	Dos apresentadores, firmes e graves. Da mulher, suave.
Comportamento	Apresentadores mais soltos, a edição do jornal é especial de final de ano. A apresentadora do tempo, Rosana Jatobá, anda pelo estúdio, provocando uma ideia de conversa com o telespectador.
Linguagem falada	Linguagem jornalística muito presente.
Expressões	Mais populares, mas não totalmente coloquiais.
Termos inacessíveis	Não tem.

Fonte: Produzida pela autora

TABELA 77 – Episódio 01/12/2006

(continua)

Elementos Analisados	**Descrição**
Enquadramento	Mais fechado durante as cabeças das notícias. Aberto durante as passagens de blocos e a previsão do tempo.
Movimento de câmera	Cortes secos, com maior movimentação das câmeras e uso de mais de uma pelos apresentadores.
Posição da bancada	Centralizada, curvada.
Cenário	Logos do JN distribuídas, com a redação ao fundo. Imagens para ilustrar os temas noticiados. Na previsão do tempo, é utilizado fundo verde para os gráficos.
Iluminação	Bem distribuída em todos os momentos.
Vestimenta	Ternos para homens e mulheres, cada um com um estilo.
Como são as pessoas	Brancas, sérias e aparentam ser de classe média alta.
Voz	Firme e imponente, de todos os apresentadores.
Comportamento	Simpatia mais aparente, maior conversa com o público.
Linguagem falada	Maior aproximação com o coloquial, com linguagem televisiva muito presente.
Expressões	Mais populares, sem deixar o formal.

(continuação)

Termos inacessíveis	Não tem.

Fonte: Produzida pela autora

TABELA 88 – Episódio 17/07/2007

Elementos Analisados	Descrição
Enquadramento	Fechado no apresentador e mais aberto durante o encerramento e passagem de bloco.
Movimento de câmera	Cortes mais secos, tem conexão com a apresentadora Fátima Bernardes, que cobre os jogos Pan-Americanos e com o helicóptero que cobre o acidente da TAM.
Posição da bancada	Centralizada, em formato oval.
Cenário	Redação ao fundo no enquadramento aberto, com imagens para ilustrar os assuntos durante o enquadramento fechado.
Iluminação	Bem distribuída pelo estúdio. Nas coberturas, a iluminação é escura por estar de noite.
Vestimenta	Terno, camisa social e gravata.
Como são as pessoas	Apresentador branco, imponente, sério.
Voz	Grave, firme e imponente.
Comportamento	Reporta mais as notícias, a tensão paira e trava um pouco o apresentador.
Linguagem falada	Frases claras e objetivas para traduzir os assuntos e os acontecimentos.
Expressões	Mais populares, sem deixar a linguagem jornalística.
Termos inacessíveis	Não tem.

Fonte: Produzida pela autora

TABELA 99 – Episódio 12/09/2008

(continua)

Elementos Analisados	Descrição
Enquadramento	Enquadramento em plano médio na maior parte do telejornal.
Movimento de câmera	Cortes ainda secos quando os apresentadores utilizam mais de uma câmera durante a cabeça.
Posição da bancada	Centralizada, em formato curvado.

(continuação)

Cenário	Logo do JN ao fundo na maior parte do tempo, com imagens que ilustram os assuntos abordados.
Iluminação	Bem distribuída no estúdio, sem estourar em nenhum ponto.
Vestimenta	Traje social de todos os apresentadores.
Como são as pessoas	Brancas, imponentes e sérias.
Voz	Séria e forte do homem e mais suave das mulheres.
Comportamento	Jornalistas menos robóticos, com maior demonstração de linguagem corporal.
Linguagem falada	Frases curtas e objetivas, apenas reportando a notícia, sem conversa.
Expressões	Maior aproximação com o popular, sem deixar a linguagem jornalística.
Termos inacessíveis	Não tem.

Fonte: Produzida pela autora

TABELA 20 – Episódio 10/04/2009

(continua)

Elementos Analisados	Descrição
Enquadramento	Enquadramento com plano médio em grande parte do jornal, com abertura do plano nas passagens de bloco e encerramento.
Movimento de câmera	Não há muito movimento de câmera.
Posição da bancada	Centralizada, oval.
Cenário	Muito uso de fundo verde para ilustrar os temas abordados durante as cabeças.
Iluminação	Bem distribuída no estúdio.
Vestimenta	Terno, gravata e camisa social para os homens e vestido e casaco social para mulher.
Como são as pessoas	Dois apresentadores brancos e um negro, todos aparentam ser de classe média alta.
Voz	Dos homens, séria e forte. Da mulher, suave.
Comportamento	Apresentadores conversam mais com o público por meio da linguagem corporal.

(continuação)

Linguagem falada	Frases jornalísticas muito presentes.
Expressões	Maior conversa com o público.
Termos inacessíveis	Não tem.

Fonte: Produzida pela autora

TABELA 22 – Episódio 01/11/2011

Elementos Analisados	Descrição
Enquadramento	Plano médio no estúdio, com Fátima Bernardes e plano mais fechado com William Bonner em Brasília.
Movimento de câmera	Sem muito movimento de câmera.
Posição da bancada	Centralizada no estúdio. Na externa, com William Bonner, não há bancada.
Cenário	No estúdio, a redação como fundo. Na externa, o Congresso Nacional e o Palácio do Planalto.
Iluminação	No estúdio, bem clara, distribuída. Na externa, um pouco escura.
Vestimenta	Traje social de todos os apresentadores.
Como são as pessoas	Brancas, de classe média alta.
Voz	Do homem, grave. Da mulher, firme e suave.
Comportamento	Maior linguagem corporal por parte do William Bonner.
Linguagem falada	Maior conversa com o telespectador ao reportar as notícias.
Expressões	Maior aproximação com o coloquial.
Termos inacessíveis	Não tem.

Fonte: Produzida pela autora

TABELA 23 – Episódio 28/01/2012

(continua)

Elementos Analisados	Descrição
Enquadramento	Plano médio com apresentadores mais centralizados.
Movimento de câmera	Maior movimentação, ainda com a presença de cortes secos.
Posição da bancada	Centralizada, em formato curvado.
Cenário	A redação como fundo, com cenário mais tecnológico.

(continuação)

Iluminação	Bem distribuída por todo o estúdio.
Vestimenta	Traje social para todos os apresentadores.
Como são as pessoas	Brancas, sérias e aparentam ser de classe média alta.
Voz	Do homem, grave e firme. Das mulheres, suave e imponente.
Comportamento	Maior linguagem corporal por parte dos apresentadores.
Linguagem falada	Frases curtas e diretas, típicas da linguagem televisiva.
Expressões	Maior aproximação com o coloquial.
Termos inacessíveis	Não tem.

Fonte: Produzida pela autora

TABELA 24 – Episódio 20/06/2013

Elementos Analisados	**Descrição**
Enquadramento	Jornal feito muito na rua por causa da edição especial devido aos protestos, com enquadramento aberto dos repórteres. No estúdio, o enquadramento também é prioritariamente aberto.
Movimento de câmera	Maior movimentação de câmera devido à cobertura dos protestos em tempo real.
Posição da bancada	Centralizada, em formato curvado.
Cenário	No estúdio, a redação como fundo, com cenário mais tecnológico.
Iluminação	Nas ruas, a iluminação é mais escura. No estúdio, bem distribuída uniformemente.
Vestimenta	Traje social para os apresentadores.
Como são as pessoas	Brancas, sérias.
Voz	Voz imponente e séria de ambos os apresentadores.
Comportamento	Apresentadores mais estáticos, sérios.
Linguagem falada	Linguagem jornalística muito presente.
Expressões	Maior aproximação com o coloquial.
Termos inacessíveis	Não tem.

Fonte: Produzida pela autora

TABELA 25 – Episódio 04/07/2014

Elementos Analisados	Descrição
Enquadramento	No estúdio, com William Bonner, o enquadramento é aberto. No estádio, com Patrícia Poeta e Galvão Bueno, o enquadramento segue o mesmo padrão.
Movimento de câmera	Sem muito movimento de câmera.
Posição da bancada	Centralizada, em formato curvado
Cenário	No estúdio, a redação. No estádio, o campo.
Iluminação	Bem clara e distribuída em ambos os cenários.
Vestimenta	Do William Bonner, terno, gravata e camisa social. Dos outros apresentadores, também terno, mas de uniforme da Rede Globo.
Como são as pessoas	Brancos, aparentam ser de classe média alta.
Voz	Dos homens, grave. Da mulher, suave e firme.
Comportamento	Jornalistas mais soltos, mas ainda tensos com a notícia da fratura do jogador Neymar na Copa do Mundo.
Linguagem falada	Mais aproximada com o coloquial.
Expressões	Mais populares.
Termos inacessíveis	Não tem.

Fonte: Produzida pela autora

TABELA 27 – Episódio 29/11/2016

(continua)

Elementos Analisados	Descrição
Enquadramento	Em plano médio em grande parte do telejornal. O enquadramento é aberto em alguns momentos, por exemplo, quando há imagens no telão do fundo.
Movimento de câmera	Com a *steadycam*, o movimento de câmera é maior, com menos cortes secos e maior aproximação com o telespectador.
Posição da bancada	Centralizada, ocupando grande parte do estúdio.
Cenário	Maior interatividade com gráficos, imagens, repórteres e apresentadora do tempo.
Iluminação	Bem distribuída por todo o estúdio.
Vestimenta	Traje social para todos os apresentadores.

(continuação)

Como são as pessoas	Dois apresentadores negros, Heraldo Pereira e Maju Coutinho, sendo um da bancada e a outra do tempo, respectivamente.
Voz	Do homem, grave e imponente. Das mulheres, séria.
Comportamento	Jornalistas mais soltos, com maior linguagem corporal.
Linguagem falada	Linguagem jornalística muito presente.
Expressões	Maior aproximação com o popular.
Termos inacessíveis	Não tem.

Fonte: Produzida pela autora

TABELA 28 – Episódio 11/04/2017

Elementos Analisados	Descrição
Enquadramento	Plano médio com apresentadores centralizados. O enquadramento aberto também é muito presente.
Movimento de câmera	Maior movimento de câmera, com impressão de um olhar do telespectador durante a movimentação.
Posição da bancada	Centralizada, em formato retangular.
Cenário	Cenário tecnológico, com muitos telões para interação.
Iluminação	Bem distribuída por todo o cenário.
Vestimenta	Traje social de todos os apresentadores.
Como são as pessoas	Apresentadores brancos e sérios diante dos assuntos tratados.
Voz	Do homem, grave, imponente. Da mulher, séria, mas suave.
Comportamento	Apresentadores meio tensos com diante dos assuntos tratados, com menor interação com outros jornalistas.
Linguagem falada	Como o JN trata sobre a Lava Jato, as frases são mais extensas e explicativas.
Expressões	Mais formais devido aos assuntos tratados.
Termos inacessíveis	São explicados.

Fonte: Produzida pela autora

TABELA 29 – Episódio 28/05/2018

(continua)

Elementos Analisados	Descrição

(continuação)

Enquadramento	Interação entre plano médio e aberto.
Movimento de câmera	Muito presente em todo o telejornal.
Posição da bancada	Centralizada, em formato retangular com base curvada.
Cenário	Cenário muito tecnológico e interativo. A logo do JN fica grande parte do tempo "animada".
Iluminação	Clara e bem distribuída por todo o cenário.
Vestimenta	Traje social de todos os apresentadores.
Como são as pessoas	Jornalistas brancos, sérios, de classe média alta.
Voz	Da mulher, firme e séria. Do homem, grave e imponente.
Comportamento	Apresentadores mais soltos na linguagem corporal, com maior interação com o cenário.
Linguagem falada	Linguagem jornalística muito presente.
Expressões	Maior aproximação com o popular.
Termos inacessíveis	Não tem.

Fonte: Produzida pela autora

TABELA 30 – Episódio 25/01/2019

(continua)

Elementos Analisados	**Descrição**
Enquadramento	Plano médio e aberto em interação durante todo o telejornal.
Movimento de câmera	Cortes mais suaves, com grande movimentação.
Posição da bancada	Centralizada, com design inovador.
Cenário	Tecnológico e muito interativo.
Iluminação	Bem distribuída e natural por todo o estúdio.
Vestimenta	Traje social de todos os apresentadores.
Como são as pessoas	Apresentadores da bancada brancos, sérios. Na previsão do tempo, apresentadora negra, demonstrando mais simpatia.
Voz	Das mulheres, suave e firme. Do homem, imponente.
Comportamento	Jornalistas interagem bem com o cenário e repórteres, com maior expressão corporal.

(continuação)

Linguagem falada	Linguagem televisiva presente, com frases mais conversadas.
Expressões	Maior aproximação com o coloquial, com o popular.
Termos inacessíveis	Não tem.

Fonte: Produzida pela autora